

MINISTÉRIO DA SAÚDE

A história de
Beta

1.^a edição
3.^a reimpressão

Série J. Cadernos Centro Cultural da Saúde



Brasília –DF
2007

© 2002. Ministério da Saúde.
Direitos desta edição cedidos pela autora Beta d’Rocha.

Não é permitida a reprodução parcial ou total desta obra.

A coleção institucional do Ministério da Saúde pode ser acessada na íntegra na Biblioteca Virtual em Saúde do Ministério da Saúde:

<http://www.saude.gov.br/bvs>

O conteúdo desta e de outras obras da Editora do Ministério da Saúde pode ser acessado na página:

<http://www.saude.gov.br/editora>

Série J. Cadernos Centro Cultural da Saúde

Tiragem: 1.^a edição – 3.^a reimpressão – 2007 –
1.200 exemplares

Edição, distribuição e informações:

MINISTÉRIO DA SAÚDE

Secretaria Executiva

Subsecretaria de Assuntos Administrativos

Coordenação-Geral de Documentação e Informação

Centro Cultural da Saúde

Praça Marechal Âncora (Praça XV), s/n, térreo,
Centro

CEP: 20021-200, Rio de Janeiro - RJ

Tel.: (21) 2240 5568

Fax: (21) 2240 2813/2240 2845

E-mail: ccs@ccs.saude.gov.br

Home page: www.ccs.saude.gov.br

Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro
Secretaria Municipal de Saúde
Instituto Municipal de Assistência à Saúde Nise da
Silveira

Museu de Imagens do Inconsciente

Rua Ramiro Magalhães, 521

Engenho de Dentro, Rio de Janeiro - RJ

CEP: 20730-460

Fax: (21) 2596 8460

E-mail: mii@museuimagensdoinconsciente.org.br

Home page: www.museuimagensdoinconsciente.org.br

Organização:

Márcia Rollemberg

Jussara Valladares

Ilustrações:

Beta d’Rocha – Acervo Museu de Imagens do
Inconsciente

Impresso no Brasil / *Printed in Brazil*

Ficha Catalográfica

Brasil. Ministério da Saúde.

A História de Beta / Ministério da Saúde. – Brasília: Editora do Ministério da Saúde, 2007.

112 p.: il. – (Série J. Cadernos Centro Cultural da Saúde)

ISBN 85-334-0533-2

1. Autobiografia. 2. Saúde Mental. 3. Psiquiatria. I. Título. II. Série.

NLM WM 40

Catálogo na fonte - Coordenação-Geral de Documentação e Informação - Editora MS - OS 2007/0438

Títulos para indexação:

Em inglês: The Beta's History

Em espanhol: La estoria de la Beta

EDITORA MS

Documentação e Informação

SIA trecho 4, lotes 540/610

CEP: 71200-040, Brasília - DF

Tels.: (61) 3233-1774 / 2020

Fax: (61) 3233-9558

E-mail: editora.ms@saude.gov.br

Home page: www.saude.gov.br/editora

Equipe editorial:

Revisão: Mara Pamplona e

Ermenegildo Munhoz

Capa e projeto gráfico: Fabiano Bastos

*Escrevi este livro,
com toda minha gratidão,
para Dra. Nise da Silveira;
com todo meu amor,
para meu filho mais velho,
minha nora
e minhas netas;
com toda minha saudade
e amor eterno,
para meu filho mais novo,
que tão cedo Deus levou...*

*A Cristina Macedo,
meu agradecimento especial*

Sumário

	Prólogo	7
	Da infância à primeira crise	9
	Viagem dentro da primeira crise: misturando o real	25
Os grandes achados nos grandes mergulhos (Os Cadernos)		35
	Reflexões	65
	Vivências através do tempo	75
	O grande passo de estar só	83
	O caminho pelo saber da razão	91
Mergulhos em uma viagem fantástica		97
	O grande golpe do destino	107

Prólogo

Minha vida tem sido uma mistura de dois mundos – realidade e sonho – muito calcada numa intuição interior. É a descoberta de uma verdade ampla no mais profundo do meu ser. São mergulhos profundos, avassaladores, onde imagens afloram, muitas vezes de forma incompreensível. Daí o perseguir, desesperadamente, valores reais, na tentativa de lançar luz na obscuridade, dentro de um processo que a medicina chama psicótico.

O que é adoecer? Não saberia responder corretamente. Às vezes penso que é o viver um relacionamento de choques culturais – onde a paixão *do ter* se torna uma luta de classes, com valores desencontrados *do ser*. É bem o espelho social de uma sociedade também bastante doente, onde o homem ainda vive modelos estereotipados calcados em modelos obsoletos e esclerosados.

Dentro desse referencial de autoridade anônima, vai se tornando difícil classificar o que é normal ou anormal. *A sabedoria e a loucura estão próximas. Há apenas uma meia volta entre uma e outra. Isto se vê nas ações dos homens insanos. (Foucault)*

Mudam-se tratamentos, novas técnicas aparecem e desaparecem, mas todas elas – ou a maioria delas –, impossibilitam este doente de desenvolver capacidade produtiva no seu ser diferente.

Sempre me pergunto: *Será que para o homem acorrentado – antes do Pinel, as **camisas-de-força** e, mais recentemente, as **camisas-de-força químicas** –, há alguma diferença entre elas?*

Este livro é uma tentativa e uma contribuição de quem passou por todo um processo psicótico rotulado de esquizofrenia. Aqui quero chamar a atenção dos nossos *consertadores de gente* para a mudança de tratamentos tão ultrapassados, valorizando o que já é comprovadamente eficaz. Estou querendo me referir à terapia ocupacional, adotada pela

cientista Dra. Nise da Silveira, que passou toda sua vida lutando na tentativa de dar novas oportunidades ao doente, para que a caminhada lhe seja menos espinhosa e ele não seja reduzido ao silêncio.

Dra. Nise propôs proporcionar ao doente espaços abertos menos rígidos, onde lhe seria dada uma saída das *eternas impregnações*, sempre com o objetivo de ele poder construir a sua vivência do mundo inconsciente – através do barro, em modelagens, ou através da pintura, etc.

O que quero dizer é que não basta desacorrentar o doente e deixá-lo prisioneiro de um poder médico que, na grande maioria das vezes, segue mandamentos diabólicos das multinacionais das drogas, num receitar de Haldol a seus pacientes alienados.

Dra. Nise da Silveira disse: *Ninguém ignora a extraordinária renovação psiquiátrica realizada por Freud e Breuler, desde os primeiros anos do século. Até então, aceitava-se que a esquizofrenia conduzisse inexoravelmente à demência e ao apagamento da afetividade. Hoje está demonstrado que, mesmo após longos anos de doença, a inteligência pode conservar-se intacta e a sensibilidade vivíssima.*

Aqui fica meu grito de alerta para que os *consertadores de gente* iniciem sua mudança. Que determinados médicos não se achem com o direito de receitar doses cavaleares de *drogas curativas* – em nome da *cura* –, o que, na maioria das vezes, é feito através de prontuários.

Só diante de soluções mais imediatas é que se pode impedir que esse mesmo doente seja transformado em um número.

Beta d’Rocha



A história que começo a escrever é a minha história.

Além do meu nome de batismo, tive cinco apelidos, entre os quais escolhi Beta. Nasci no dia 20 de maio de 1930, às 7 horas da manhã. Fui registrada cinco dias depois e, por isso, tenho que ter muito cuidado ao preencher qualquer documento. Tudo porque meu pai não quis pagar a multa.

Pai português, mãe mineira. As duas famílias descendem de agricultores e, pelo que contam, meu pai e seus antepassados eram considerados, em Portugal, agricultores da mais alta cepa.

Do pai pouco me lembro, pois tinha apenas 9 anos quando morreu. As boas recordações são de uma bonita casa na Tijuca, com grande varanda, e de meu pai tocando bandolim.

Ele escrevia versos nas horas vagas.

Tenho seis irmãos – três homens e três mulheres. Olhando para trás vejo hoje que sempre fui diferente dos meus irmãos e era o que escutava e escuto da minha mãe até os dias atuais. Além disso, sou a única que tem certidão de nascimento errada. Minha mãe conta que tudo ficou muito difícil quando eu nasci, pois até as duas empregadas da casa foram embora nessa época. Uma delas, que havia ajudado a criar os outros filhos, saiu para viver com um viúvo e a outra, alemã, que costumava sumir e reaparecer, quando nasci sumiu de vez.

O pai tinha loucura para ter uma filha. Eu vim em sexto lugar. Era muito pequena, mas guardo lembranças que ficaram marcadas para sempre em minha memória. Gostava de subir na mesa e alisar a barba de meu pai, satisfeita ao sentir que ela espetava meus dedos, porém ele não me dava muita atenção. Sua preferência sempre foi por sua filha mais velha, que nasceu logo após dois meninos. Depois de mim, nasceu a caçula com diferença de seis anos.

Deve ter sido um golpe muito duro perder meu lugar de caçula.

Com a morte do pai, minha irmã mais nova, que era muito pequena, ficou como xodó da mãe e dos irmãos. Meu pai, ao morrer, já havia

perdido grande parte de seus bens e, devido a esse fato, meus irmãos mais velhos tiveram que trabalhar muito cedo, ficando em casa apenas eu e minha irmã caçula. Mamãe tinha orgulho de dizer: *Dei instrução primária a todos os filhos.*

Do tempo que o pai era vivo guardei dois fatos que marcaram muito minha vida, sendo que no primeiro eu estava apenas com quatro anos.

No carnaval, a mamãe costumava fantasiar todos os filhos com roupas de papel colorido, saía pelas redondezas até a casa de uma tia, parando nas residências das pessoas conhecidas da família. Sendo eu a caçulinha naquela época, cabia a mim carregar o pires onde eram colocadas as moedinhas e todo dinheiro arrecadado que seria depois dividido comigo e meus irmãos, para comprarmos balas. Um rapaz de uma dessas casas ficou encantado comigo porque desde pequena eu já gostava de carnaval e sambava muito bem. Meus irmãos e meus pais insistiram para que eu beijasse o rosto do homem, porém eu achava que não tinha que fazer nada contra minha vontade e, mesmo meus irmãos parecendo umas feras, eu não cedi. Hoje, percebo que desde criança tentava lutar para conservar minha vontade, mas nem sempre obtinha o sucesso desejado.

O outro fato foi quando fiz a primeira comunhão. Meu pai estava para morrer – morreu de tabes após ficar seis meses paralítico sofrendo na cama –, mas eu não sabia. Naquela ocasião, me preparava para receber Cristo pela primeira vez e as religiosas diziam que seria atendido qualquer pedido feito a Deus. Pedi então para que meu pai voltasse a tocar bandolim, mas ele morreu uma semana depois. Quando me levantaram para que o beijasse no rosto, cena que jamais esqueci, senti que estava de mal com Deus. Com muita raiva por aquele espetáculo macabro montado na sala de jantar: o corpo sem vida de meu pai dentro do caixão... seu rosto gelado!

Concluí o primário aos 11 anos. Fiz um grande esforço para continuar os estudos, mas mamãe alegava que os filhos homens não tinham estudado e não seria justo que eu, sendo mulher, o fizesse. Mamãe criou as filhas para o casamento e para serem boas esposas, sendo necessário para isso que aprendessem as tarefas de casa. Diante de tal

perspectiva, eu e minhas irmãs revezávamos para aprender as diversas atividades domésticas. Para mim a profissão de dona-de-casa não bastava. Eu queria mais, muito mais. Queria estudar. Queria trabalhar.

Minha irmã caçula, entretanto, nunca participou de tal revezamento, pois foi a única que a mamãe permitiu que estudasse. Ela chegou a entrar no curso normal, mas desistiu no último ano.

Certo dia, minha irmã mais velha voltou do trabalho com a incumbência de encontrar uma babá para a filha do patrão. Eu queria aquele emprego. Mamãe relutou em dar permissão, mas saí ganhando.

Eu já tinha 11 anos e 1, 55m de altura. E lá fui eu para o meu primeiro emprego de babá de uma linda menina de 2 aninhos de idade.

Naquela época, fiquei regrada pela primeira vez, sem ter conhecimento algum relacionado à sexualidade. Era tão ingênua que julgava estar doente e, por medo, passei a me esconder pela casa, só conseguindo falar com mamãe sobre o assunto, com muita dificuldade. Além disso, eu pensava que as crianças nasciam depois de um beijo na boca. Mamãe, por sua vez, explicou tudo de maneira bem mineira: *Que eu não devia me aproximar dos homens e outras besteiras mais*. Enfim, fora assim que mamãe também aprendera.

Daquela ocasião guardo um fato que só anos depois consegui decifrar. Foi o seguinte: como babá, vinha de folga para casa de 15 em 15 dias e, nas primeiras vezes, alguém da família ia me buscar no emprego, mas logo passei a vir sozinha. Lembro-me que tomava um ônibus no Flamengo e, depois, um trem na Central do Brasil. Como morávamos num subúrbio distante, o Encantado, pelo caminho eu ia cantarolando mentalmente uma música: *Saiu o trem da Central com os amigos de Lauro Muller e logo a Mangueira, tal como Francisco Xavier*. Não me lembrava do resto, mas sabia que falava nas estações dos subúrbios da Central.

Eu engordara muito, o que era natural, pois passara a me alimentar do bom e do melhor. A moça gostava de mim porque eu aprendia rapidamente tudo que me ensinava.

Numa das vezes que fui em casa, encontrei a mamãe lavando a louça. E foi quando ela me perguntou como eu estava me ajeitando nos dias de regra (ela se referia aos paninhos que dava para as filhas usarem). Respondi-lhe, feliz da vida, que desde que começara a trabalhar não havia ficado menstruada. Lembro-me, como se fosse hoje, do prato caindo das mãos de minha mãe e espatifando-se na pia. E aí começou um bombardeio de perguntas do tipo *se tinha namorado e se algum homem havia se aproximado de mim*. Dentro de minha ignorância infantil, nem me dava conta de como a sua cabeça era cheia de maldade.

No dia seguinte, fomos ao médico e ele explicou que era natural a suspensão das regras, já que havia menstruado muito cedo e, tendo passado remédio, as coisas se normalizaram. Assim, vivi até 34 anos, quando precisei retirar o útero.

Fui babá durante nove meses e o dinheirinho que ganhava era para ajudar em casa. Já naquele tempo arquitetara um plano de ganhar dinheiro com as costuras para custear meus estudos. Àquela altura da vida mamãe havia se casado pela segunda vez. E foi exatamente meu padrasto quem me arranjou escola de corte e costura. Assim, fui iniciada na complicada e concorrida arte da moda. A escola estava situada na estação do Engenho de Dentro, nas oficinas da Central do Brasil e era administrada por um padre: cônego Osório. Desde o início aprontei uma bruta confusão com o tal cônego, pois era a única aluna que não lhe beijava a mão. Porém tudo foi contornado, porque desde as primeiras aulas fui convidada pela professora Virgínia a trabalhar com ela no seu ateliê de costura. Fato que deu margem a ser considerada um *gênio* na costura.

Recordo-me de que já desafiava mamãe desde os 6 anos quando dizia poder costurar vestidos igual a ela. Para constatar tal proeza, mamãe comprou-me um pano barato que se transformou no meu primeiro vestido, do qual eu tinha orgulho por tê-lo feito sozinha.

Trabalhei no ateliê de Dona Virgínia até 18 anos. Com o dinheiro que recebia ajudava em casa pagando a empregada e dizia a minha mãe que não podia realizar atividades domésticas para não estragar as mãos. O que me prejudicaria na costura. Mas a coisa era outra. O real motivo era ter mais sobra de tempo para ler os livros que, na maioria

das vezes, arranjava emprestado. A vontade de estudar era tão obsessiva que passei a dormir na sala para poder ficar lendo pela noite a dentro, sem atrapalhar o sono das minhas irmãs, com as quais dividia o mesmo quarto. Quantas vezes deixava os vestidos longos de baile, com suas anáguas engomadas sobre a cama, porque minha preferência era continuar a ler determinado livro.

Era uma parada a escolha entre as duas atividades, pois dançar era uma das coisas que mais gostava de fazer. Tinha até o apelido de *pezi-nho de ouro*, tão bem eu dançava.

O primeiro livro que me fascinou de verdade foi *O Fio da Navalha*, de Somerset Maughan. Anos mais tarde, comprei um exemplar novo e mandei encadernar nas oficinas do Museu de Imagens do Inconsciente para presentear meu filho mais velho. Ainda hoje, as palavras de Larry me deixam fascinada: *Se eu algum dia adquirir sabedoria, creio que serei então bastante sábio para saber o que fazer com ela.*

Da época em que eu dançava tenho boas recordações, principalmente dos bailes de formatura dos médicos realizados no Hotel Glória. Era uma forma indireta de estar em contato com meu sonho de ser médica.

Quanto a outras diversões, eu e meus irmãos tínhamos pouca variedade. Ao cinema íamos uma vez por mês, caso não houvesse brigas entre nós durante aquele período. Se algum de meus irmãos brigasse pagava a dívida por infringir as leis da grande família não indo ao cinema. Uma coisa que mamãe não admitia era contendas entre irmãos. Para ela, Caim e Abel tinham que permanecer como personagens da Bíblia.

Cinema era meu passatempo preferido – e até hoje continua sendo. Costumo ver todos os bons filmes. Havia um vizinho que nas noites de domingo projetava na sua pequena varanda os filmes de Carlitos. O povão ficava na rua assistindo e foi daí que comecei minha grande admiração por Charlie Chaplin. Hoje, revendo seus filmes, percebo quão genial ele foi. Seus filmes traziam mensagens que alertavam o homem sobre o que ele poderia se tornar. Eram histórias que continham diabólico humor, sátira amarga e crítica social. Só mesmo um gênio conseguiria desafiar os padrões da época e deixar tantos ensinamentos dentro

da nossa realidade: *Mais que de máquina, precisamos de humanidade. Mais que de inteligência, precisamos de afeição e doçura. Sem essas virtudes, a vida será de violência e tudo será perdido.*

E foi com a moral de maior idade que iniciei uma das grandes batalhas de minha vida: lutar com minha mãe e reivindicar o direito de estudar. Ela acabou permitindo, desde que um de meus irmãos também estudasse, e o escolhido foi o mais velho. Fizemos o curso de admissão em dois meses (curso de férias para prestar exame para o ginásio.) Meu irmão foi reprovado e eu passei. Então começou outra luta, porque mamãe alegava que, sem o irmão, não haveria estudos. Porém, tanto insisti que minha mãe concordou, mas com a seguinte proposta: só permaneceria na escola enquanto não arrumasse namorado.

Hoje, compreendo que a minha mãe imaginava que os grandes partidos da redondeza estariam apaixonados por mim e, como mãe, exagerava.

Na época, concordei com a condição porque a única maneira de eu conseguir estudar, seria prometer não namorar. Promessa que cumpri até o fim.

Eu era muito alegre, adorava dançar, brincar carnaval, mas mantinha tudo dentro do *flerte*. Namorar sério, nunca! Relembrando aqueles tempos percebo atualmente as chantagens que mamãe fazia para dificultar, de todas as formas, a realização de meu maior sonho – estudar. Queria evitar de todas as maneiras que eu saísse de casa e de seu controle. Começou pelo dinheiro, deixando por minha conta o pagamento da empregada, do colégio, além da despesa com os livros. Triste realidade: não dava...

Não desisti e comecei a peregrinação para conseguir falar com o diretor do colégio. Era o Ginásio Piedade e seu diretor o Gama Filho. Afinal consegui chegar até ele, quando fui recebida com uma resposta negativa (Gama Filho também tinha um sonho: transformar aquele simples colégio de subúrbio em uma grande universidade para que pudesse atender a todo o pessoal da Zona Norte – objetivo que atingiu posteriormente). Persisti. Usei todos os meus argumentos até que ele não resistiu ao meu choro e ofereceu-me 10% de abatimento que manteve enquanto permaneci em seu colégio.

Minha gratidão por esse homem foi tamanha que, nas raras vezes em que houve eleições, sendo Gama Filho candidato, sempre lhe fui leal dando-lhe meu voto.

Mas mamãe continuava a *puxar o tapete*.

Certo dia o bonde descarrilhou. Não dava para voltar a pé para casa e a solução foi esperar consertarem os trilhos. Resultado: cheguei tarde em casa e tive que agüentar novas cobranças. Mamãe não abria mão do horário de chegada em casa.

Depois desse fato procurei evitar novos incidentes, decidindo voltar a pé do colégio, apesar da grande distância, para que pudesse chegar sempre na mesma hora.

No colégio tinha bom relacionamento com meus colegas, mas só durante as aulas. Quando tocava a sineta corria a 120. E este ficou sendo meu apelido colocado pela turma. Foi naquela época, em que poucas moças estudavam à noite – apenas as que estavam em níveis mais adiantados –, que vi mamãe furiosa por eu ter cometido um *delito imperdoável* contra o qual não havia argumentos.

Durante toda a vida minha mãe afirmou que a filha que lhe deu maiores preocupações fui eu, repetindo sempre que fui a mais rebelde. Reclamava também que eu era a única que não lhe pedia a bênção e não lhe beijava a mão. Ela tinha razão: jamais gostei de andar sobre os trilhos convencionais, quebrando a cara muitas vezes, mas sempre procurando meus próprios caminhos – dentro de minha verdade.

Vamos ao meu *grande delito*: tive um tempo vago no colégio e vinha voltando mais cedo, quando a família que morava em frente – cujos donos da casa vieram a ser meus sogros – chamou-me para fazer uma surpresa. Queriam me comunicar que um dos filhos que tivera problemas pulmonares estava retornando a casa, completamente curado.

Era o mesmo rapaz que, pacientemente, me ajudara a preparar-me para reiniciar meus estudos. Eu nutria por ele enorme gratidão, pois sem ele eu não teria sido aprovada nos exames. Não pensei duas vezes para

atravessar a rua e, lá chegando, esqueci-me da vida. O tempo foi passando e mamãe ficando histérica, colocando toda a família em pânico, pois eu nunca chegara atrasada. Como a minha casa, em toda a redondeza, era a única que tinha telefone, a notícia chegou rápido: eu havia saído cedo do colégio. Foi um tal de ligar para hospitais e necrotérios... Lá pelas tantas minha risada me denunciou. Enfim, fora achada a filha rebelde.

Quase tive que pular fora do colégio. Motivo: irresponsabilidade, desrespeito à mãe – que sempre usava uma doença de coração como arma. Era um eterno medir forças com mamãe, que naquele período da vida era pai e mãe ao mesmo tempo.

Lembro com tristeza a morte de meu padrasto em plena ceia de Natal. Meu padrasto foi pessoa importante e significativa em minha formação. Ele me proporcionou oportunidades de conhecer um mundo novo, que até então eu desconhecia: o mundo mágico da música – dos grandes espetáculos clássicos, desde as tragédias operísticas aos mais suaves bailados, como *O Lago dos Cisnes*, de Tchaikovsky.

Hoje fico pensando nos desencontros de minha mãe. Ela nunca conseguia encontrar a felicidade onde estava. Ficou confuso mas explico. O pai era atacadista de frutas e legumes dentro do Mercado Municipal (situado antigamente na Praça XV). Levantava-se às 4 horas da manhã para trabalhar e, quando voltava, queria mesmo era curtir as coisas da casa. Mamãe, muito nova, queria sair e passear mas, com tantos filhos, ia cada vez mais se tornando a *Grande Mãe*. Quando se casou com meu padrasto era o inverso. Ele trabalhava numa casa de tecidos, *Meveste da Piedade*, e gostava de dançar, de ir a teatros, de viajar, etc. Só que mamãe já não queria mais sair porque tinha que vigiar as filhas. Era o medo de que alguma não se casasse virgem, de véu e grinalda, dentro da igreja católica. Isto ela conseguiu. Todas casaram como manda o figurino, dentro dos conceitos arcaicos da época.

Ao Teatro Municipal, mamãe pouco acompanhava o marido. Assim, durante a temporada meu padrasto levava-me. Eu adorava. Ele tinha alguns macetes através de acordo com os porteiros de lá. Quando as luzes se apagavam nós dois íamos sorrateiramente sentar na escada, nos últimos degraus da torrinha – como dois clandestinos num navio

de luxo, sem pagar a entrada. Assisti a grandes espetáculos – como por exemplo: a *Traviata*, com Renata Tebaldi –, disponível atualmente só em discos e vídeos. Aqui está o desencontro de mamãe: quando não podia, ela queria e quando podia passou a não querer mais.

Olhando para trás, vejo nitidamente como era estranho o meu relacionamento com minha mãe. Eu não conseguia ser completamente independente. Mamãe, com aquela aparente fragilidade, era quem dominava. Era um comportamento tão louco que, mesmo depois de casada, meu marido muitas vezes me chamava a atenção para o fato de minha mãe estar sempre tentando viver a minha vida. Eu continuava esperando, mas os resultados quase sempre eram negativos. Os complexos de culpa diante das atitudes que tomava frente à minha mãe sempre me atormentavam. Diante daquela mãe vitimizada, não conseguia ter forças para separar **o que era eu, do que seria ela**, a tal ponto ainda estava presa àquela influência castradora! Às vezes penso que esse terá sido o alto preço que paguei por não ter juntado forças para cortar o *cordão umbilical* nos longos anos de minha vida e, também, por me achar sempre devedora – mamãe fazia cobranças por ter sacrificado a sua vida pelos sete filhos.

Terminei o ginásio e comecei, em seguida, o científico. Naquele período fiquei muito doente, de um mal que os médicos custaram muito a descobrir. Estava com uma tal de *Giardia intestinalis*, doença banal em nossos dias. Como não foi diagnosticado logo, o mal se alastrou pela vesícula, tornando-se uma coisa séria. Tive que fazer tratamento com o maior especialista no assunto, Dr. Monteiro de Carvalho, que esqueceu de me avisar que não poderia tomar sol. Resultado: no primeiro dia que tomei o remédio, minha pele ficou amarelo-esverdeada. Um horror! A doença *deu pano pra manga*.

Minha madrinha de crisma (uma prima muito querida) passou a dar-me uma mesada, enquanto durou a moléstia. Todavia, por ser o tratamento muito demorado, perdi muitas aulas e abandonei o curso científico pela metade. Continuava forte, entretanto, meu desejo de estudar. Isso levou-me a tentar o concurso para a Escola Normal Carmela Dutra, com intuito de tornar-me professora, já que meu sonho de ser médica estava cada vez mais fora de alcance.

Fiz um cursinho preparatório. Eu estudava com duas colegas, na casa de uma delas, onde gostava muito de saborear os biscoitos salgadinhos e quadradinhos lançados pela Piraquê. Essas moças são minhas amigas até hoje. Elas passaram – eu fui reprovada.

Foi naquele período que comecei a namorar o filho mais velho daquela família que morava na casa defronte à minha. Eu o conhecera ainda bem menina. Ele fora criado por uma tia rica que morava em Ipanema. Os irmãos dele é que foram meus companheiros de juventude, sendo o irmão mais novo quem mais tarde me levou ao Museu de Imagens do Inconsciente (quando tive a segunda crise). Foi pelas mãos desse cunhado que conheci a Dra. Nise da Silveira.

Meu marido sempre fora um garoto muito triste. Percebi isso, nas poucas vezes que o vi, ao visitar sua família. Ao voltar a viver com seus pais, já rapazinho, ele demonstrava sentir atração por mim e, nas noites de São João, pegava furtivamente na minha mão, num gesto muito meigo, enquanto olhávamos os balões no céu estrelado. Daquele gesto tão puro foi crescendo o amor entre nós. Namorar e noivar durou apenas seis meses. Não precisávamos esperar, pois o sentimento que nutríamos um pelo outro era uma coisa muito forte e antiga.

Eu adorava meu sogro. Gostava dele como se fosse meu pai, porém ele morreu muito cedo – como meu pai verdadeiro –, sem supor que um dia eu seria sua nora. O sentimento parecia ser recíproco: ele nutria por mim um carinho muito especial, como se eu fosse a filha que nunca tivera, pois tinha quatro filhos homens.

Mamãe não queria o casamento porque desejava uma escolha melhor para a filha mais letrada – que era eu! Ela fantasiava uma união com um *partidão* que significasse dinheiro e *status*. Nunca consegui esquecer o conceito de mamãe sobre as amizades. Quando entrava dinheiro no meio, repetia: *Esta é uma amizade que serve*.

Como sempre me respeitei como pessoa, só poderia mesmo ter realizado um casamento por amor. Casei no dia 12 de novembro de 1955.

Na véspera do casamento, houve uma grande confusão e quase foi tudo adiado. Estava sendo tramada uma revolução para Juscelino Kubitschek não tomar posse após ter sido eleito pelo voto direto do povo.

Naquela época, o casamento civil e o religioso passaram a ser realizados juntos, durante a cerimônia religiosa. Meu noivo protestou porque tinha medo de que o casamento não valesse. E quando estávamos nos encaminhando para a Pretoria o carro foi revistado por soldados armados de metralhadoras. Afinal, a revolução não aconteceu, Juscelino tomou posse e Brasília nasceu!

O casamento foi simples, mas muito bonito. No civil, vestida com saia pregueada e casaquinho de linho verde água. No religioso, o vestido era de tafetá (uma imitação de seda pura). Ambos feitos por mim. O detalhe mais luxuoso era a mantilha que as mulheres da família de meu marido usavam quando casavam. Foi um toque diferente de tudo que as moças suburbanas usavam na época.

Há um fato muito engraçado que demonstra bem o preconceito da época: minha madrinha de batismo, irmã de minha mãe, queria que eu fizesse seu vestido para a cerimônia, condicionando a sua ida ao casamento à confecção do vestido. Quando fui entregar o vestido fiquei menstruada na casa dela e tive que pedir sua ajuda. Como meu filho nasceu seis dias antes de eu completar nove meses de casada, levantou-se alguma suspeita, na família e na vizinhança. Somente com o testemunho de minha madrinha essas fofocas foram esclarecidas.

Tudo porque eu era considerada uma moça arrojada e muito livre dentro daquela geração dos idos de 50, num bairro do subúrbio da Central do Brasil – o Encantado.

Meu casamento teve muitos momentos de alegria e felicidade para alguns poucos de tristezas e mágoas, naturais em todo o relacionamento a dois.

Recém-casada, morei em Madureira. Lá nasceram meus dois filhos – o mais velho em 1956 e o mais novo em 1958. A vida corria tranqüila,

como para quase todo casal de classe média. Meu marido era bancário e eu, para podermos viver melhor, costurava para fora.

Quando meu marido foi para uma agência de Copacabana, não medi esforços para que pudéssemos morar lá. Naquela época, o horário dos bancários era muito rígido e trabalhavam até aos sábados. Eu não me conformava com as crianças estranhando o pai.

O Banco nos alugou um apartamento na sobreloja da agência. Confesso que foi o tempo mais feliz da minha vida, com as crianças ainda pequenas. Levava-as à praia todos os dias. Eram crianças saudáveis, coradas do sol da manhã e suas doenças eram as que todas as crianças tinham – sarampo, coqueluche, catapora, etc.

A vida corria sem grandes atropelos. Depois de 3 anos o Banco precisou do apartamento e lá fomos nós morar na Rua Sá Ferreira. Foi lá que aconteceu a grande virada em minha vida. Aos 34 anos tive uma crise psicótica aguda, de uma maneira violenta, mas também muito rápida, que surpreendeu a todos que me conheciam. Fui parar no Pinel, amarrada em camisa-de-força.

Hoje fico imaginando a barra que meu marido deve ter atravessado. Não terá sido fácil estar casado com uma mulher amiga, boa dona de casa, boa mãe, e vê-la repentinamente transformada em um ser estranho vítima de uma doença tão ameaçadora.

Aos poucos, aqui neste livro, irei narrando o que foi a minha vida, com maiores detalhes sobre meu casamento, que durou até comemorar Bodas de Prata. Eu quis a separação. É como diz o nosso poeta: *não mais que de repente, fez-se o próximo distante*.

Termino este capítulo com o...

Soneto da Separação

*De repente, do riso fez-se o pranto
Silencioso e branco como a bruma
E das bocas unidas fez-se a espuma
E das mãos espalmadas fez-se o espanto*

*De repente, da calma fez-se o vento
Que dos olhos desfez a última chama
E da paixão fez-se o pressentimento
E do momento imóvel fez-se o drama*

*De repente, não mais que de repente,
Fez-se de triste o que se fez amante
E de sozinho o que se fez contente*

*Fez-se do amigo próximo distante
Fez-se da vida uma aventura errante
De repente e não mais que de repente.*

Vinícius de Moraes

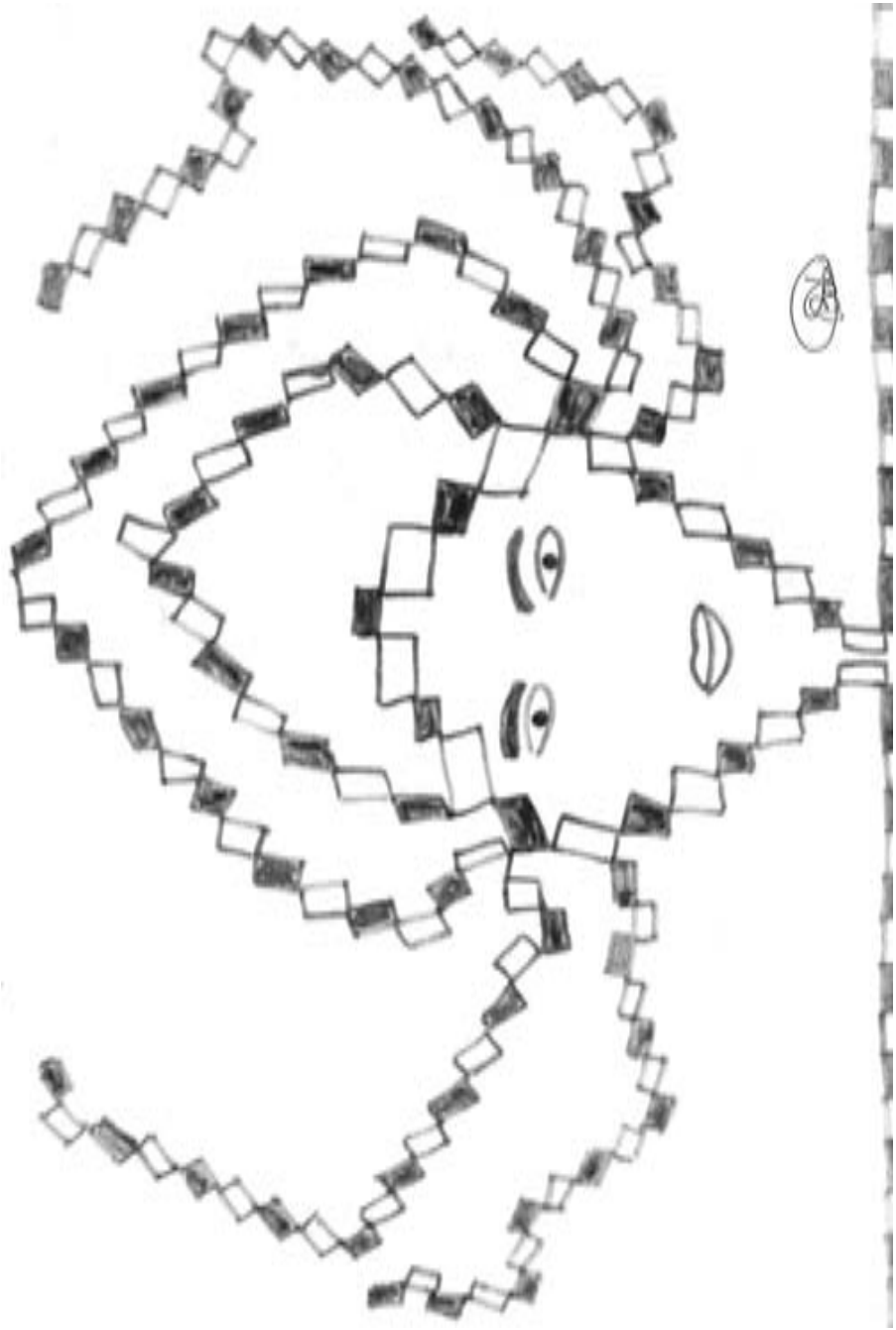


Ilustração: Beata d' Rocha - Acervo Museu de Imagens do Inconsciente

Viagem dentro da primeira crise: misturando o real

Foi em 1964, aos 34 anos, que tive a primeira crise.

Levaram-me para o Pinel em camisa-de-força. Tinha sido uma crise violenta. Gritava muito porque para mim o mundo estava desmoronando.

Pensava que um coleguinha de meus filhos era um enviado para salvar o mundo. Com ele fiz um ritual estranho, colocando uma Bíblia em sua cabeça e apertando contra seu rosto até que seu nariz começou a sangrar. Não precisa dizer que a criança saiu correndo apavorada. Foi exatamente esse acontecimento que resultou em minha primeira crise. Aquele pequeno pedaço de Copacabana onde morava ficou em polvorosa.

Ainda dentro do delírio de salvar o mundo, eu levei as crianças da vizinhança e as minhas próprias para uma loja de brinquedos e gastei todo o dinheiro do mês. Nunca se viu crianças tão felizes, adquirindo tudo o que quiseram, realizando todos os seus desejos. Por alguns momentos viveram uma grande fantasia naquele mundo mágico dos brinquedos.

Ao voltar para casa, arranquei as folhas usadas do meu caderno de culinária e escrevi muito. Porém, todo material que escrevi durante o surto foi totalmente perdido porque o médico que me atendeu no Pinel considerou coisas sem nexo e sem importância, jogando tudo fora. Pouco me lembro do que escrevi naquela época, apenas recordo-me que falava de relógios. Tudo dentro de um tempo e espaço que havia perdido.

No dia seguinte, o médico que me atendera me deu alta, prescrevendo Gardenal todas as noites, até o fim dos meus dias.

Meu marido ficou muito assustado, pois levar-me para casa significava *eu ter que cuidar dos filhos, ainda muito pequenos*. Sendo assim, fui levada para uma clínica na Tijuca, na qual passei uma semana em observação. Sentia-me tão bem! Naquela época começava o sucesso de Agostinho dos Santos e minha companheira de quarto era fanática por suas músicas românticas. Fatos como este ficaram gravados com carinho, apesar da tão trágica e assustadora crise. O tempo foi passando e só tive a segunda crise dez anos após. No intervalo, levei uma vida normal, criando meus filhos e costurando para ajudar meu marido.

Fomos morar longe da cidade, numa meia-água que possuíamos para passar os finais de semana. Ali moramos até que a nova residência ficasse pronta. A casa foi toda projetada por mim e meu marido, tendo como cenário as frondosas árvores frutíferas. Ficou linda!

Mamãe foi morar conosco, por um período de dez anos. Foi o começo das grandes frustrações. Quando pude observar mais de perto meu relacionamento com ela, percebi que minha mãe ainda me tratava como se eu fosse uma criança sem responsabilidade. Na luta pelos meus direitos, o ter que enfrentá-la provocava em mim um enorme complexo de culpa. Era uma situação um tanto doida. Mais tarde minha sogra também mudou-se para lá, ficando apenas dois anos, quando veio a falecer.

Quanto ao Gardenal, só o tomei durante alguns meses, quando resolvi fazer um tratamento homeopático com o médico dos meus filhos, Dr. Kádio Moura Brandão.

Consegui ultrapassar essa primeira crise, por mais que ela tivesse sido difundida pela redondeza – fato que podíamos constatar através do comportamento das crianças na rua, tentando evitar-me. Estava claro que elas só podiam sentir medo, depois do ocorrido. Quantas vezes, ao tomar um elevador, percebi que as pessoas disfarçavam para não subirem junto comigo!

Pensava, naquelas ocasiões, que o melhor era o fato de eu estar percebendo tudo à minha volta.

Meu marido, sempre apreensivo, procurou um médico especialista, para saber o que poderia acontecer comigo dali por diante. O médico tranqüilizou-o dizendo: *Crises violentas metem medo mas, às vezes, não se repetem mais.*

Como foram dez anos de vida normal, esses momentos tristes acabaram ficando em um passado cada vez mais distante.

A partir da segunda crise e das outras que se seguiram, a situação mudou de figura e a barra começou a pesar para meu lado.

Teria que enfrentar o diagnóstico do grande psiquiatra: esquizofrenia paranóide. As coisas foram ficando pretas, pois era a confirmação científica do que todos os conhecidos começavam a afirmar. O jeito era eu me conformar com a doença e o rótulo.

Comecei a sentir na própria pele o peso desse rótulo de doente mental e a perceber o sofrimento no semblante das pessoas que comigo conviviam.

Desde 1964 – quando aconteceu a primeira crise, até 1981, data de minha última crise –, passei por quatro internações (1969, 1977, 1978, 1981). Sempre fui internada no IPAB – Instituto de Psiquiatria Aduino Botelho, no Centro Psiquiátrico Pedro II, em Engenho de Dentro.

Numa dessas crises, quando minha irmã mais velha foi me visitar no hospital, entreguei-lhe folhas escritas que formavam, no seu conjunto, uma carta. Foi meu primeiro documento preservado, sobre minhas experiências. Somente anos depois tomei conhecimento da existência e do conteúdo daquela carta.

Foi por intermédio dessa irmã, que me presenteou com um caderninho, que comecei a documentar e registrar todos os acontecimentos referentes às minhas internações no hospital psiquiátrico. Surgiu dessas anotações meu segundo documento, em forma de caderno, escrito então dentro de uma enfermaria.

As anotações desse pequeno caderno, tão confusas por causa da impregnação violenta dos remédios e pela falta dos meus óculos, foram por mim apelidadas de hieróglifos.

A partir daí, fui percebendo as ligações entre uma crise e outra e sentindo que poderiam ser traduzidas quando vistas sob a forma de símbolos. E foi dentro desse emaranhado de fatos descritos que se tornou possível a decisão que tomei, de tentar compreender o significado dos símbolos ao descobrir que eles não tinham importância quando vistos isoladamente, mas que formavam sentido quando ligados entre si. A primeira observação foi que a maioria dos símbolos trazia no seu todo uma ligação do mundo interno com o mundo externo. O que

parecia não ter nexos no mundo real, na realidade eram marcos importantes que funcionavam como pistas ou mensagens do mundo inconsciente, verdadeiros achados arqueológicos.

Referi-me a achados arqueológicos porque sempre eram grandes enigmas que quase nunca poderiam ser decifrados de imediato.

Uma coisa que me chamava a atenção era a minha insistência em distribuir pela casa, nos mais variados lugares, trechos escritos, como se houvesse uma necessidade de deixar pistas no mundo externo, do qual me afastava cada vez mais, sem perceber. Aqueles escritos, simbolicamente, eram os fios de Ariadne que me indicavam o caminho de volta, por mais frágil que estivesse meu contato com a realidade. Era uma tentativa desesperada de estabelecer uma ligação entre os dois mundos, para que eu não permanecesse para sempre sob o domínio do inconsciente. Por mais dissociada que me encontrasse, sempre retomava as pistas que me levavam novamente aos *trilhos normais*.

Após algumas internações, passei a observar que o surgimento, na minha consciência, de fatos que me deixavam confusa e sem explicação lógica dentro da minha realidade cotidiana, era o sinal infalível de que algo errado estava ocorrendo comigo. Era incrível! Lá ia eu, novamente, ser hóspede do IPAB.

Tenho de ressaltar as ajudas que recebi de várias pessoas, no decurso da doença, sem as quais talvez não houvesse chegado ao ponto em que estou. E, uma das primeiras pessoas que me ajudou foi uma empregada antiga, pessoa simples, que mal sabia ler e escrever e que, talvez por sua simplicidade, me aceitava por inteiro, sem nunca me tratar como doente mental. Era a mesma empregada que passava para mim as informações sobre o que havia ocorrido durante a crise e me fornecia esclarecimentos, entre o que eu pensava ter sido um sonho e a própria realidade dos fatos.

Pode parecer, à primeira vista, que se tratava de uma curiosidade masoquista ou mórbida, porém essas informações me davam a certeza de que tudo o que se passava não era fruto apenas de minha imaginação, funcionando também como pistas nas lembranças que ocorriam

antes da perda de consciência. Foi a única maneira que encontrei para saber dos fatos que meus familiares não gostavam de comentar, para poupar-me de maiores sofrimentos. Era proibido falar comigo sobre a crise, como se fosse um grande pecado!

Outro fato que passei a observar foi que, quando entrava na fase aguda da doença, os remédios não conseguiam deter o processo. A única solução era mesmo a internação.

Comparava o desencadeamento do processo psicótico com o de uma bola que, ao bater no chão, teria que continuar quicando até parar sozinha, ao perder sua força natural. Ficava imaginando que não deveria interromper-lhe o curso, caso quisesse conhecer sua trajetória, pois estaria perdendo a chance de acompanhar-lhe o rumo e descobrir-lhe o fim. Observando o processo por esse prisma, percebi que a coisa complicava, pois o que deveria ter princípio, meio e fim ficava paralisado em algum ponto do caminho.

Reconheci que tanto é difícil para quem está passando pela crise como para quem a está assistindo. Na visão da psiquiatria clássica, não há outra saída senão *interromper o quicar da bola*, por ser ainda desconhecido o caminho que ela pode tomar.

É aí que reside toda minha esperança de que um dia essa energia – que irrompe com tanta força do inconsciente – possa ser canalizada e trabalhada na reconstrução das partes fragmentadas do doente mental. Isso representando a possibilidade de um nascimento (análogo ao da criança) e de uma reconstrução de caminho para o doente. A criança está no ventre e terá que sair de qualquer maneira. Na doença mental, o que permanece ainda um grande enigma é *qual a ajuda certa para esse nascimento*.

Muitas vezes, eu só conseguia chegar a algumas conclusões e dar sentido ao emaranhado de fatos por pura sorte.

O grande achado foram os cadernos, escritos continuamente, por força de uma solidão profunda. E também a teimosia em desobedecer conceitos estabelecidos, como por exemplo: eu não poderia estudar

mais, só deveria me preocupar com coisas supérfluas, ver somente filmes bem leves, leitura só de fotonovelas e revistas em quadrinhos.

Foram normas que nunca aceitei nem cumpri, desobedecendo a todos aqueles que não acreditavam na firmeza de minha inabalável fé e na capacidade de vencer os obstáculos que se interpunham à minha caminhada na busca de meu destino. Imprimiam-me, como se meu cérebro estivesse atrofiado. Teimosamente, preferia acreditar que minhas idéias é que eram muito grandes para uma cabeça pequena. Todos poderiam ter razão, porém eu persistia na escolha de que a esquizofrenia teria que ser entendida mais por mim mesma do que por outras pessoas. Era uma tentativa de ser *Homem Elefante*, da peça de Bernard Pomerance, em que seu personagem teria uma cabeça grande demais para um corpo pequeno: *Minha cabeça é tão grande porque está cheia de sonhos*.

No início, sabia que teria de mergulhar de cabeça, por não conseguir compreender nem lidar com as imagens que assolavam, de maneira muito forte, minha consciência, e que me faziam perder o pé da realidade externa. Senti que a internação valia a pena, na medida em que, alguém como eu, quisesse fazer novas descobertas da própria doença. Eram sempre válidos os mergulhos porque encontrava novos achados *arqueológicos*, independentemente das *barras* que enfrentava; e mais ainda: o caminho de minha *cura* não seria baseado no número de vezes que precisasse ser internada.

O importante era continuar a pesquisar os mínimos detalhes e a estudar o que minhas experiências pudessem detectar, decifrando alguns enigmas através dos sonhos.

Àquela altura da caminhada, fui me tornando *macaca velha* e começando a me defender com meus próprios métodos.

E foi através da convivência com os outros doentes na enfermaria do hospital e dos estudos realizados sobre o processo psicótico, no Museu do Inconsciente, que pude observar que a doença mental ainda ocupa um terreno muito vasto de discussões e mistérios, dentro do campo da psiquiatria.

Fico admirada e emocionada ao ver doentes, internados há mais de 30 anos, retratando nas telas pintadas, com grande beleza de cores, temas dos mais variados, como mitos, rituais primitivos e alquimia, sem nunca terem visto ou ouvido falar sobre esses assuntos. E aqui fica apenas um pequeno registro sobre o trabalho desenvolvido no Museu do Inconsciente.

Quem quiser se aprofundar no assunto deve comprar os dois livros *Imagens do Inconsciente*, da Dra. Nise da Silveira – pioneira no estudo e tratamento da doença mental dentro de uma visão mais humana, na psiquiatria brasileira –, e visitar o seu Museu.

Foi a partir da minha última internação, em 1981, que comecei a fazer as grandes ligações de vivências no mundo do inconsciente, ao mesmo tempo tão mágico e tão trágico, pelo qual fui tragada. Daí, eu ter consciência dos perigos que corria ao mexer nos conteúdos profundos de minha psique, pois pressentia que qualquer descuido de minha parte me levaria a perder o pé novamente.

Por esse motivo, resolvi escrever este livro quando estava de férias do analista e do grupo ao qual pertencia, para não comprometê-los caso acontecesse alguma recaída. Quando o grupo voltou a se reunir, a grande *arte* já fora praticada: o livro estava pronto.

Valia a pena correr os riscos. Eu sabia que ser internada novamente não significaria mais um fracasso meu, nem de ninguém. Ter uma outra crise tinha a conotação de ter um outro filho. Só que, agora, eu já teria em mãos novos *equipamentos de mergulho* e poderia tomar maiores precauções e não esquecer as *pílulas*, evitando assim *engravidar do meu inconsciente*, por engano. Porém, caso as pílulas falhassem, teria coragem suficiente para ter este outro *filho*.

E, assim, concordo com Nietzsche quando diz: *O que não me mata me fortalece*. Com essa força, que consegui depois de tanto sofrimento, vou enfrentando os novos desafios que surgem à minha frente, igual ao retirante nordestino que, apesar da seca, mantém a esperança de um dia voltar para sua terra de origem.

O que eu considerava mais difícil nos mergulhos, e o que mais me amedrontava, era o estar só. Ainda agora, o que assusta é pensar que a *História de Beta* possa, algumas vezes, parecer uma salada mista, um emaranhado de repetições e fatos desencontrados. Paciência, vou ter que misturar um pouco, para poder agüentar.

*Que é infinito?
Por que te preocupas tanto?
Volta para dentro de ti mesmo!
Mas, se lá dentro de ti mesmo
Não te apraz achar
O infinito do ser e do sentir,
É humanamente impossível
Ajudar-te.*

Goëthe

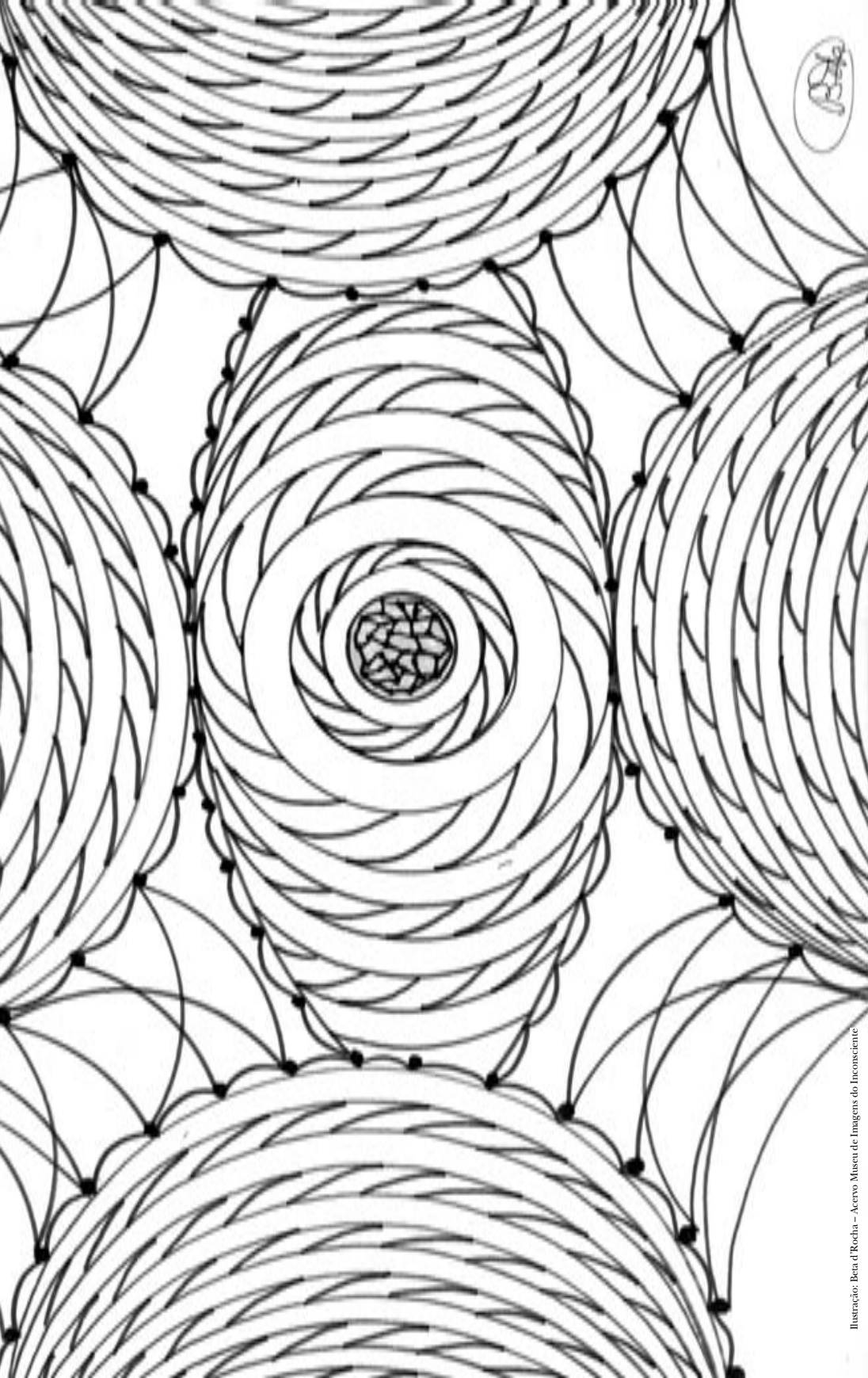


Ilustração: Beata d' Rocha - Acervo Museu de Imagens do Inconsciente

Os grandes achados nos grandes mergulhos (Os Cadernos)

Em 1974, meu cunhado, que trabalha como terapeuta no Museu de Imagens do Inconsciente, conversou com a Dra. Nise da Silveira sobre meu caso e foi aconselhado por ela a me levar até lá. Assim, conduzida pelas mãos do meu cunhado, comecei a frequēntar, todas as terças-feiras, o Grupo de Estudos. Esse grupo é formado por pessoas de vários nı́veis culturais e intelectuais que se reúnem com o propóximo de estudar e pesquisar o processo psicótico, utilizando todo o acervo do referido Museu. Minha participação era mais como ouvinte. Somente uma vez me propus a estudar Frieda Fromm Reichmann.

Desde os primeiros contatos com os livros, verifiquei minha dificuldade diante de assuntos tão sérios. Limitei-me, então, a ler os trechos sobre a solidão e as poesias escritas pelos doentes psicóticos. Nos textos sobre a solidão comecei a *sacar* algo que correspondia exatamente ao que eu sentia mas não sabia expressar. Uma das doentes narrava a real solidão psicótica: só poderia entendê-la quem, por acaso, houvesse passado pelo processo.

Um doente esquizofrênico do Hospital Santa Elizabeth diz o seguinte: *Não sei por que as pessoas concebem o inferno como um lugar onde faz calor e onde há chamas ardentes. Isso não é inferno. O inferno existe quando você está congelado e preso dentro de um bloco de gelo. Lá onde estive.*

Outro doente escreve uma poesia muito sofrida, com uma profunda angústia também só expressável por quem já a tenha vivenciado.

Ei-la...

Dor

*E há alguém ali? e há
alguém ali?*

*Estou golpeando a porta
E agora não se abrirá. Nunca mais.
Estou chamando, chamando-te e
Não ouves?
E não há ninguém próximo?*

*E tem que existir esse silêncio vazio
E não há ninguém ali?
Ninguém para contestar-me?
Não conheço o caminho,
Tenho medo de cair*

*E não há ninguém ali?
Ninguém?*

Os textos me impressionaram profundamente por estarem muito próximos de uma realidade vivenciada de perto – muito de perto – por mim.

Aqui abro um parêntese para deixar um registro do afastamento da Dra. Nise da Silveira do serviço público, quando completou 70 anos.

Nunca se cometeu maior absurdo do que esse de se afastar a grande cientista de seu trabalho, no auge de sua experiência e de sua intelectualidade.

Foi nessa ocasião que o Dr. João Moura Mata assumiu a direção do Museu. E, na primeira terça-feira, ao formar os grupos para o estudo dos temas, fui por ele convocada para ficar responsável por um deles. Fiquei muito confusa e aleguei que era somente uma ouvinte. Na sua calma nordestina, o Dr. João não aceitou meus argumentos e me convenceu a estudar o mito de Dionísio. Na pesquisa, eu faria não só estudos sobre Dionísio, mas também referências aos quadros de Carlos Pertuis, doente internado no Centro Psiquiátrico Pedro II, que pintara várias telas sobre esse tema mitológico.

Foi assim que conheci o psiquiatra que mais tarde viria a ser meu analista e que tanto me ajudou. Primeiramente, comecei a fazer análise individual para, depois de algum tempo, passar para análise de grupo. Mais tarde vim a saber, após três anos como elemento do grupo, que havia suscitado grande constrangimento e conflitos nas pessoas, por Dr. João ter tido a coragem de colocar uma esquizofrênica no meio delas. O grupo quase se desfez, pois as pessoas o acusavam de *ter pirado* ao trazer uma psicótica com várias internações para a terapia. Sentiram-se muito ameaçados, porém o Dr. João Moura Mata

manteve sua decisão. E essa atitude foi decisiva para as futuras mudanças que ocorreram em mim. Minha entrada no grupo foi realmente desastrosa. O grupo começou numa quarta-feira e na segunda-feira seguinte eu era novamente internada.

Minha família me pressionava para que abandonasse o tratamento com aquele médico, por considerá-lo incapaz de evitar minha internação. Eu continuava teimosa, com coragem de desobedecer às *ordens familiares* e persistir na terapia. No decorrer da minha história, todos perceberão a importância que representou na minha vida esse psiquiatra – péssimo, na opinião da minha família – mas excelente médico e um homem extremamente humano, na minha opinião. Dr. João sempre me indicava uma saída e foram essas ajudas nas horas certas e sua confiança depositada no doente, sem paternalismos, que me fizeram aprender a caminhar sem o apoio de *muletas*.

Foi também graças à terapia que surgiram *os cadernos* com todas as anotações sobre meu processo interno. Comecei a escrever meus depoimentos desde o primeiro contato com o grupo de análise. O hábito de anotar, no dia-a-dia, as coisas mais importantes que me aconteciam, foi de muita valia ao escrever este livro.

Foi nesses *cadernos* que, pela primeira vez, pude elaborar os confusos conteúdos de minhas crises. Deles constavam as observações, principalmente da crise de 1981 (última crise) onde, dentro de minhas alucinações, narro toda a trajetória da *entrada na Gruta de Platão*.

Tentarei demonstrar como a crise de 1978 teve uma continuidade em 1981, com o mesmo tema de Platão, acontecendo o mesmo com o tema do relógio que aparece na minha primeira crise (1964) e retorna em 1981.

São repetições dos mesmos símbolos, como se isso significasse uma necessidade de voltar aos lugares anteriormente percorridos. É nesse eterno retorno que deve estar o grande enigma do doente mental. E, quem sabe, a *cura* se encontra nessa tentativa feita pelo doente, mesmo dentro dos delírios, de não confundir o mundo inconsciente com o da realidade, tentando encontrar uma ligação que o ajude na reconstrução.

ção da cisão existente entre esses dois mundos, que o impeça de permanecer encapsulado para sempre nos domínios de seus conteúdos internos.

Daí a grande importância em despotencializar, através de imagens, os conteúdos simbólicos, por meio de alguma atividade, usando o processo de terapia ocupacional como uma forma de dar expressão a vivências, sempre numa tentativa de reconstrução do mundo interno. Dar forma a essas vivências permite ao doente entrar em contato com seus monstros (conflitos), fazendo com que percam sua força energética e possibilitando, a partir desse momento, trazê-los à consciência de maneira menos ameaçadora.

Gosto muito deste poema que ilustra bem certa maneira de ser:

*Não tenho ambições nem desejos.
Ser poeta não é uma ambição minha.
É a minha maneira de estar sozinho.
Não desejei senão estar ao sol ou à chuva.
Ao sol, quando havia sol
E à chuva quando estava chovendo
(E nunca outra coisa)
Sentir calor e frio e vento
E não ir mais longe.
Um dia de sol é tão belo
Ambos existem, cada um é como é.*

Fernando Pessoa

Até o final deste capítulo procurarei copiar, na íntegra, alguns trechos escritos em casa, durante a recuperação e, principalmente, os cadernos que escrevi quando estava internada, respeitando a verbosidade e o fluxo livre de palavras sempre que, sob a influência de medicamentos, as frases surgiam quase sem pontuação.

O que desencadeou a realização deste livro foi uma carta que enviei a uma das minhas irmãs em 1974, e que se tornou o meu primeiro documento. Ei-lo:

Querida irmã,

Estou no momento deitada numa cama de hospital, sendo mais real, numa cama de hospício do Rio de Janeiro. Aqui estou – quem sabe? – para poder observar o que se passa à minha volta e aprender mais depressa o que se passa com tantas criaturas que nunca vão ter oportunidade de receber Jôhrei, passes espíritas ou comunhão católica, etc. Faz-me crer em Deus. Deve ser uma fórmula para Ele se mostrar a essas criaturas. Penso que sua sabedoria nunca falha, nós é que nem sempre a entendemos. Por isso, acredito muito no homem que estuda, se forma e, pelo menos, chega a ser um grande “mecânico” humano. Pelo menos, quando o corpo está funcionando bem, automaticamente o espírito vê com mais luz e clareza a verdade de Deus dentro de uma comunhão em família.

Tentando sempre poder realizar coisas úteis em benefício dos que vivem ao nosso redor, procuro ser uma boa esposa, boa mãe, orientando o melhor possível meus filhos e não esquecendo jamais minha mãe que, velhinha como está, precisa cada vez mais de amor, de tolerância e de paciência sem-fim.

Escuto de minha irmã que “doença, sofrimento... tudo é Deus fazendo uma limpeza em nosso corpo.” Acho que, desta vez, Deus se lembrou de mim, não para fazer uma limpeza qualquer, mas sim uma faxina geral. Não é mole ficar quase 30 dias no hospício, vivenciando a solidão e assistindo sofrimento que só Deus teria a capacidade de nos explicar. Mas com tudo isso, tenho que agradecer a Deus pois, com todos os sofrimentos, nós vamos exercitando uma qualidade que, a meu ver, é uma das mais importantes do mundo – a paciência –, nos dando a oportunidade de amar ao próximo como a nós mesmos. Esta é a minha opinião, de quem nada sabe mas que muito acredita em Deus e na sua sabedoria. Creio, cada vez mais, que Ele escreve direito em linhas tortas. Todas as religiões são boas, quando seguidas com fé em Deus e muito amor ao próximo, começando sempre pelos que nos rodeiam – pais, filhos, amigos, esposos, etc.

O que, na minha humilde ignorância, não admito em hipótese alguma é o fanatismo. Acho que você conseguir menos adeptos

para sua religião, dentro de alguma calma e sem pressa de querer salvar o mundo num só dia, é bem melhor do que o fanatismo exagerado. No fundo, é o desejo de levar o maior número de pessoas à descoberta da verdade que causa o fanatismo. Apesar de sabermos que cada um pode descobrir a verdade dentro da religião que acredite. O fanático, por ter alcançado graças, dificilmente contém seu impulso evangelizador.

Mas é bem melhor conseguir menos adeptos de grande qualidade, do que muitos de má qualidade. É bem melhor plantar boas sementes numa área de terra menor, do que em grandes extensões de terra de má qualidade, que forçosamente darão maus frutos. Sendo assim, é também melhor fazer amizade com pessoas de espírito elevado, cultivar pensamentos positivos e criadores de fé e que possam contribuir para a formação de uma atmosfera mais sadia. É repetir sempre que, nas horas das grandes aflições, basta lembrar que estamos com Deus. Quem poderá estar contra?

Transcrevo aqui um poema do Monitor de Modelagem do Museu de Imagens do Inconsciente:

Paciência

Este é o motivo

*Sempre amando, paciência,
Sempre querendo, paciência,
Sempre sofrendo, paciência,*

*Embora não tendo paciência
Embora amando,*

*Embora querendo,
Embora sofrendo,
Embora não tendo paciência*

*Mesmo sabendo,
Perdendo
Paciência,
Vou querendo.*

Angenor

Fim da carta de Beta à irmã.

A partir de 4 de maio de 1978, data da minha entrada para o grupo de análise do Dr. João da Mata:

Ontem, 3 de maio, foi o primeiro dia que em que enfrentei uma psicoterapia de grupo. Que barra, santo Deus! O grupo consta de 3 homens e 3 mulheres. (Aqui fiz anotações sobre a vida de cada elemento do grupo e sobre minhas primeiras impressões, que omitirei por razões óbvias São anotações feitas quando ainda estava em casa, antes de ser internada.)

É o medo do desconhecido. Sei que, para mim, vai ser muito difícil, mas vou tentar, pois sinto que o grupo vai poder me ajudar. Tenho que tomar consciência de que preciso procurar usar o que uma vez li de Platão. Era uma caverna em que os homens viviam contemplando as sombras projetadas nas paredes, mas não se atreviam a ir lá fora com medo do desconhecido. Mas se algum deles se atrevesse a sair, voltava trazendo conhecimentos novos sobre o mundo fora da caverna - como o sol, a lua, enfim, toda a natureza - e procurava, sabiamente, nada revelar aos outros, pois na certa não poderiam compreendê-lo.

Tudo o que eu tiver vontade de falar e tiver consciência de que não poderei ser entendida, deixarei escrito aqui.

Ontem, sexta-feira, foi o pior dia. Uma barra mesmo! Hoje, sábado, tudo caminha para melhor. O sol amanheceu entre as nuvens, seu brilho diminuiu, mas em compensação estou com uma enxaqueca que não está fácil. Não vejo quase nada sem óculos e os meus ficaram na oficina onde costuro, mas mesmo que depois coloque os óculos não vou modificar o texto.

Ulisses tinha que estar amarrado ao mastro do navio, para ouvir o canto das sereias sem ter a tentação de se atirar aos penhascos. Tiresius tinha que ficar cego, pois o provérbio fica ao contrário: o pior cego é o que não quer enxergar. Aqui, Jung sabia que os olhos substituíam a intuição. Sentimento, intuição... No momento, não me lembro dos outros dois.

Hoje é sábado, 6 de maio de 1978, desculpem repetir isso - mas é por causa do tal relógio que marca o tempo dos homens, mas não onde eu estive. Isso me deu uma confusão dos diabos e quase me dano toda. Ontem, quando vi as correias apertarem, lembrei-me do Dr. João Moura Mata: "Não subestime as suas forças." Daí, tomei 2 comprimidos de Nootropil de 8 em 8 horas, que ele me havia receita-do quando fui ao seu consultório em companhia de meu filho mais velho. (Aqui vou chutar. Sei que foi na véspera de ser internada no Engenho de Dentro, no 4.º andar, que Dr. João apelidou de Casa de Célia. Era dia 7 de dezembro de 1977. Isso aqui até está parecendo o programa de Silvio Santos, programa preferido de minha sogra, Dona Aparecida. (Aqui, quero abrir um parêntese, pois se por acaso tiver que voltar para ser hóspede da Célia e da Conceição, tudo bem. É o processo de Kafka de que tanto se fala, é um modelo de tratamento utilizado em todos nós). Desculpem, mas aqui empaquei. Não consigo escrever mais. Ainda não estou bem, não dormi a noite toda, vou tomar Fenergam. (Feram sobras de remédios, de outras internações).

Segunda-feira. Começo a sentir que vou ter a coisa outra vez, mas agora vejo que se escrever o que estou pensando eu não vou sentir nada. É, sendo assim...(escrevo aqui o nome de meu filho mais velho e o que ele disse: RELAXE... RELAXE...). Acho que vai adiantar. Se não tiver peito de agüentar, só o choque vai resolver e o importante é ter por perto uma pessoa que tenha paciência e, sendo assim, sirva de elemento catalisador fazendo uma ponte de livre acesso, pois as idas e vindas são tantas que não há Cristo que agüente.

O importante é que me lembro de tudo que se passou na sala às 8 horas. No momento exato que acabou o Silvio Santos e começou o Flávio Cavalcanti, eu também passei de um estado normal para um estado de delírio.

Aqui interrompi minhas anotações, pois fui internada mais uma vez.

Diz Dostoievski: *Estamos desabitua-dos à vida, porque na verdade nós todos coxeamos mais ou menos.* Com outras palavras, vemos este mesmo pensamento manifestado por Charlie Chaplin: *Todos nós somos palhaços inconscientes, estranhamente animados pela mão de Deus.*

Recomeço a escrever, como continuação do relato, quando passei, de uma maneira brutal, de um estado para outro, entrando em crise.

Mesmo agora, em onda Beta, o que estou tentando fazer é sempre muito doloroso. São coisas muito doidas e difíceis de serem traduzidas em palavras, mas vou tentar descrever o que se passou antes de eu ser internada.

Na minha antiga casa, afastada da cidade, a sala era muito grande. Havia dois ambientes: de um lado, ficava a sala de jantar onde havia uma mesa com oito lugares, uma enorme estante e mais duas arcas antigas; e no outro lado, ficava a sala de visitas com poltronas, sofás, televisão e som. Em toda a sua volta, estavam quadros, com Rugendas do Rio antigo, estampas de caçadas inglesas, quadros pintados por amigos, dos mais diferentes tipos. Descrevo este salão porque foi nele que rodei o tempo todo, parando diante de cada quadro, fazendo gestos dentro dos mais estranhos rituais. Deve ter sido terrível para meus familiares assistirem àquela cena, que não tinha qualquer explicação dentro de um raciocínio lógico. Minha mãe não podia se aproximar, pois eu a afastava chamando-a de feiticeira e exigia que a trancassem no seu quarto. Pedido imediatamente atendido. A sede que sentia era terrível, incontrolável.

Por fim, meus parentes resolveram trancar a cozinha, pois parecia não ser possível saciar tamanha sede, já que eu bebia sem parar. A sede era insaciável. Depois de algum tempo, cansados de tanto andar atrás de mim, eu consegui burlar a vigilância e, quando perceberam, eu estava bebendo água de um jarro de flores que se encontrava em cima da arca, depois de jogar fora as folhagens que eu mesma havia colocado com tanto carinho. Tentava quebrar a televisão e o relógio.

Comento esses fatos porque, atualmente, tenho um nítido conhecimento de que via saírem da televisão coisas tão terríveis que não suportava olhar. Pensava que iam me destruir, porém não tinha consciência de que aquelas coisas que via saíam de dentro de mim mesma e, não suportando, projetava na televisão o que estava sentindo. Era uma forma de proteger-me. O relógio era o perdido

referencial do tempo e espaço reais. O tempo todo vendo coisas do passado e de um provável futuro, porém, sempre dentro de cenas de destruição que, no fundo, penso hoje, eram o estilhaçamento do próprio ego.

No carro, a caminho do hospital, lembro-me de que meu filho mais velho ia segurando minha mão. Na frente encontravam-se meu marido, na direção, e Paulo, psicólogo do Museu que tinha sido chamado porque, àquela altura, a barra estava pesada demais para minha família e porque o trajeto era muito longe. No caminho, ia contando a história de Branca de Neve e achava que, para despertar, eu precisava do beijo que, insistia a todo custo, deveria ser dado por meu filho. Ali do lado, ele representava o príncipe encantado. No hospital, uma moça de nome Wanda ficou ao meu lado enquanto esperava a parte burocrática ser resolvida para que pudesse subir para a enfermaria. Ela trazia no pescoço uma correntinha com a inicial de seu nome -W. Eu lhe pedi que comprasse uma com minha inicial, para que não mais perdesse a identidade.

Dentro da enfermaria, em altos delírios, via-me tendo um filho para poder dá-lo a uma grande amiga. Chamava aos berros pelo Dr. João, por Dra. Nise e Dr. Bahiense (todos trabalhavam no Museu, na época), para que viessem ajudar, já que a criança estava custando a nascer. A criança tinha até nome: Rubem. Nessa internação, não sei se nas outras também, tomei até choque. As enfermeiras mandaram que tirasse as próteses da boca e as colocasse dentro da fronha do travesseiro.

Neste caderno, que escrevo dentro da enfermaria, estou consciente de que alguns trechos, cujos lapsos serão assinalados por reticências, são verdadeiros hieróglifos.

Que barra, santo Deus, sair de uma crise... mas lá vou eu levantando. Vou tomar banho frio. Levantei... Antes fiz minha cama e vi as roupas. Arrumei a cama com o cobertor em borboleta... Hoje, quarta-feira, tenho psicoterapia de grupo - um bate papo. Acho que vai ser um barato, apesar do Dr. João escalar um time desigual. Na saleta, encontrei com Célia (é a enfermeira chefe), a quem chamei

de Márcia... Preciso ter cuidado para não trocar as coisas. Hoje, assisti a uma cena chocante, com uma senhora escura entrando em crise, sendo ajudada por Márcia... Esta doente também tem me ajudado muito. Cruzei com uma enfermeira e ela me chamou de Ernestina, fiquei zangada, fiz ela repetir meu nome e sai gritando para todos aprenderem meu nome verdadeiro: Eu sou Beta... (Depois, peguei o caderno e escrevi meu nome seis vezes).

Ontem, fiz um pouco de tapeçaria e hoje não sei o que vou fazer... Comi a última banana, depois fiz ginástica e dei corridinhas quase no mesmo lugar, sempre em círculo, e agora descobri que fiz uma mandala. Tenho que ficar boa para começar a psicoterapia, vai ser um barato, já fui a uma e gostei muito. O jogo vai ser muito difícil mas eu vou estar lá. Fui tomar os remédios, perguntei o dia de hoje e me disseram ser 10 de maio - quem me disse foi a senhora a quem dei o molde da camisinha. Vou me deitar, a minha cabeça está muito confusa... Acordei... Estou escrevendo com os olhos fechados. Não sei porque dizem que este hospital não presta. Tomo remédio... e para a luta... de nada... Tomei o remédio, deitei-me outra vez, agora vou tomar café. Acho que a sensação pior passou. Meus olhos fecham, mas tenho que registrar as minhas impressões e sensações... Eu me sinto melhor. Os efeitos do remédio são terríveis... amanhã darei um jeito de fazer mais ginástica pois isto é muito... (Aqui são trechos que são verdadeiros rabiscos, de tão impregnada eu estava.)

Dormi tanto... Levantei... Não sei em que dia estamos, mas me parece 12... Fiz ginástica e em seguida tomei café... Já fiquei em três enfermarias. A primeira estou... agora é... todos os sacos de um lado para o outro, enfim uma confusão...

Hoje, ao copiar este caderno, decifrando como podia os hieróglifos, posso sentir que, nessa internação de 1978, permaneci pouco tempo na enfermaria do cobertor em leque e imagino o quanto devo ter *aprontado*. Não deve ter sido fácil para as enfermeiras. Lembro-me de ter ficado amarrada algumas vezes. Quando falo que estive em três enfermarias, refiro-me a um só local onde havia divisões internas. Existia um quarto, separado do restante do corredor da enfermaria, destinado aos doentes

melhores ou alguns privilegiados. Nesse quarto, ficava um banco divisório que impedia que os doentes que estivessem dentro da enfermaria passassem para o refeitório, quando estava encerado. Era encerado quase todos os dias, e as roupas de cama constantemente trocadas. Como eu dava muito trabalho, perdi o direito de ficar nesse compartimento e passei para um quarto vizinho, porém na parte interna. Conforme me tornasse insuportável, difícil de ser controlada, era transferida para os quartos mais no fundo do corredor, junto com outras doentes mais difíceis. Isto é só para dar uma idéia a quem nunca visitou as enfermarias do Hospital (IPAB).

Acordei com fome, a enfermeira diz que Dr. João esteve... cama... Não acredito... estou sempre... estive dormindo... coisa... (Depois soube que Dr. João tinha estado lá, apesar de não estar mais trabalhando em Engenho de Dentro, mas eu estava dormindo)... como custa a passar o tempo... não posso saber o que escrevo pois não tenho óculos aqui... estou sem óculos e será muito engraçado, depois, decifrar o que quero dizer... é um barato. Segundo dia que me lembro de estar aqui enterrada. Este remédio deixa a gente muito zozna... Será que preciso tanto remédio?... Estou na enfermaria que Maria está varrendo. Vou fazer ginástica para me sentir melhor... Pena, é esse remédio que se tem que tomar... Estou me sentindo muito fraca, apesar de comer bem... Tomei 3 remédios de manhã... Temos televisão... Ainda pareço estar no mundo etéreo... Vai haver uma festa que acho que vai ser um barato... O remédio se é necessário não vou discutir, mas que deixa zozna e dá um mal estar muito grande é. Quem está aqui é a empregada da Wanda. Ela está tão bonita que é uma pena não ter outra oportunidade com Wanda (Wanda foi a minha patroa, dona da última butique onde trabalhei)... esses remédios que são para tomar 3 anos nos deixam completamente bêbadas, que coisa enjoada... A festa foi no quinto andar, homenagem aos nascidos em maio, ganhei um sabonete, só não fiquei mais porque estou muito zozna. Gostei de ouvir o Dr. Callile falar "Não existem loucos e sim doentes mentais..." Do baile, lá em cima, eu saíria quando desse o último acorde... Mas este remédio bandido me deixa zozna, enfim o que é bom é obedecer o fácil... Sinto que não sou tão boa doente quanto gostaria de ser. Que coisa estranha acontece comigo, estou internada não sei há quantos dias. Isto aqui é a conti-

nução da nossa casa, todos são amigos, o que sinto mesmo é um trabalho firme... Vivo com sono, quando estive na crise pior eu via um homem ser expulso e outro santificado e tudo no mesmo ser. O homem era gordinho mas muito... Tenho tanto desânimo que não tenho mais vontade de escrever... Mas como me distrai, lá vou eu. Os óculos também me fazem falta, quase não vejo para escrever, mas que importa. Hoje é sexta-feira.

Que noite triste! Ficamos esperando a hora de tomar o remédio... que pena meus óculos não estarem aqui, senão eu podia fazer alguma coisa. Só conhece tristeza quem esteve num hospital.

Dia 13 de maio de 1978. Hoje é sábado, que vida monótona essa de hospital. Amanhã é dia das mães, não sei se vou sair ou não. Como esta minha memória é fraca. Hoje sendo sábado, ninguém vem aqui me ver, que solidão, meu Deus! Que plantão bom da Conceição, já se limpou tudo, se não fosse a saudade eu nem estava sentido falta dos de casa. Que doença estranha é a mental!

Dia 15 de maio de 1978, segunda-feira, Hospital do Engenho de Dentro. Estive com o Dr. João. Estou me sentindo melhor. Fui passar o fim de semana em casa, estou ansiosa para ter alta. Como sinto falta da minha casa e dos meus familiares. Os dias do hospital são muito longos, mesmo fazendo T.O.¹ Sinto falta do meu trabalho que é a costura, da Wanda... A minha memória já está melhor, como a vida é bela! Hoje Dr. João veio me ver na enfermaria.

Dia 16 de maio de 1978, terça-feira. Por que Célia questionou a minha participação no Centro de Estudos STOR²? Alegou que meu filho vem me apanhar para ir à psicoterapia do Dr. João. Penso que ela me enganou, estou indo à aula com muito desânimo. Aqui, hoje, os ânimos estão exaltados. Arminda está brigando muito. Que chato ficar sem fazer nada. O dia custa a passar e a gente vai levando a vida como pode. Que barra, santo Deus!

Hoje, 17 de maio de 1978. Que sofrimento, que solidão, hoje alguns doentes amanheceram brigando. Fico fora. Nesta hora, realmente, gostaria de ser religiosa como as minhas duas irmãs (que são

¹ T.O. – Terapêutica Ocupacional. *Nota do Editor*

² STOR – Seção de Terapêutica Ocupacional e Reabilitação. *Nota do Editor*

messiânicas). Não digo fé porque esta eu tenho, e é nestes momentos que mostro a mim mesma que tenho uma fé inabalável.

Aqui termino de copiar o que pude entender dos hieróglifos dos meus cadernos. No fundo, para mim, tudo isso é uma amostragem de um processo cumulativo de fatos que vão ficando cada dia mais para trás, mas também é uma maneira de ver as barras de um caminho – de ser engolida, num túnel sem fim, pelo mundo do inconsciente. Deixo aqui uma mensagem muito oportuna:

*Quero dos deuses só que me não lembrem.
Serei livre – sem dita nem desdita
Como o vento que é a vida
Do ar que não é nada.
O ódio e o amor iguais, nos buscam; ambos,
Cada um com seu modo, nos oprimem.*

*A quem deuses concedem
Nada, tem liberdade.*

Fernando Pessoa

Dia 13 de maio de 1981

Quero deixar registrada a minha última crise: fui internada em fins de janeiro até princípio de fevereiro. Na crise, eu sentia que o sol e a lua iam se chocar e a aproximação deles vinha em forma de espiral. É um sofrimento terrível e foi através da modelagem que eu consegui ter alívio. A princípio, quando comecei a trabalhar com o barro, eu não conseguia dar as formas que eu queria e as minhas mãos não obedeciam. A Luciana me ajudou. Esse material foi pouco trabalhado e, depois de seco, quebrou muito. Na medida em que fui melhorando, tornei a repetir no trabalho em barro as formas das minhas vivências e, quando ia conseguindo, eu ia sentindo alívio e, quando a terra e a lua ficaram prontas, *a coisa* tinha quase sumido.

Na minha caminhada sem rumo, eu via uma grande gruta que sabia ser a de Platão, pois o tempo todo eu sabia que, quando voltasse para a

gruta, já não saberia dizer o que tinha visto e sentido. Ao trabalhar no barro, fazendo a gruta, eu achava que não iria agüentar... Quando a Dra. Nise parou na porta e eu a olhei, foi como se nova energia brotasse dentro de mim, e aí eu comecei a trabalhar sem medo. Depois que fiz a gruta, tive necessidade de registrar no barro as figuras que, para mim, eram Platão e Dra. Nise. Platão eu fiz com a boca fechada, calado, e a Dra. Nise não. Fiz com movimento, como se estivesse falando, coisa que aliás acho que ela tem que continuar fazendo, para que a doença mental não seja uma barra tão pesada. Eu sentia, também, como se das minhas mãos saíssem raios poderosos, coisa que não podia controlar; chegava a sentir como se a minha mão e braço estivessem eletrificados e fossem feitos de outro material, e não pertencessem ao meu corpo. Na modelagem, no princípio, eu consegui (mesmo assim, foi preciso a ajuda de Wanderley) fazer como se fosse impressão digital num papel.

Só depois eu cheguei a modelar as minhas mãos. Que alívio eu sentia quando terminava um trabalho. Até hoje, quando chego no Hospital angustiada, o simples amassar o barro vai me melhorando. Numa das vezes que desci da enfermaria para a T.O., e fui ao banheiro, quando lavava as mãos, olhei para o espelho e os meus olhos não eram mais os meus. As meninas dos olhos giravam com tanta velocidade e emitiam tantos raios, que eu tinha a impressão de que o espelho ia se quebrar. Saí depressa do banheiro e entrei na sala de pintura. Até hoje não sei o que pintei e não me lembro de nada. O que me lembro é que, quando estava pintando ao ar livre e vi um cavalete armado, eu saí do meu lugar e me sentei à sua frente, pois, naquela hora, eu queria mesmo era pintar aquela tela. Aí eu percebi uma figura me olhando e vi, nitidamente, a figura de Carlos (esse Carlos era a figura que, quando comecei, eu via sempre varrendo e tinha muita vontade de falar com ele, coisa que nunca fiz e me contentava em apreciar as suas pinturas). Mas continuando, a figura do Carlos, que pensei ter visto, não era ele. Eu, olhando melhor então, vi o Diniz e queria ocupar o lugar dele no cavalete, do qual eu, num impulso incontrolável, tinha me apossado. Desse período em que pintei, de pouca coisa eu me lembro.

Agora eu quero falar sobre os remédios. Quando estava internada, tomava oito comprimidos duas vezes por dia. Mas eu sentia que era muito remédio e, quando descia para o T.O., tinha muita dificuldade para trabalhar. Aí, comecei a jogar fora quatro comprimidos, pela

janela, ou colocava dentro de uma sacola e, caso sentisse necessidade, eu os tomava. Mas nunca senti necessidade de tomar esses remédios que guardava. Comecei, ao contrário, a me sentir bem melhor e consegui, na T.O., trabalhar com mais facilidade. Já perto de ter alta, quando a enfermeira distribuiu os remédios, pouco antes de vir para a T.O., eu escondi os quatro comprimidos no bolso do bermudão que eu vestia. A enfermeira viu, me deu um esporro, me fez tomar os oito (até um que caíra no chão ela me fez apanhar e engolir).

Enquanto eu tomava os remédios, ela falava, quase gritando, *que queria me ver de alta, pois eu não era um bom elemento na enfermaria e iria passar a me vigiar. Como eu poderia ficar boa se não tomava os remédios direito?* Aí foi que vi que, para as enfermeiras, a coisa mais importante era o remédio. Fiquei pensando por que ela havia dito que eu não era um bom elemento na enfermaria. Depois, me lembrei que, na véspera, o marasmo era tão grande lá, um vazio enorme sem nada para se fazer, que eu convidei quatro colegas e começamos a brincar de roda, cantando *atirei o pau no gato-tô...* E aos poucos a roda foi crescendo. A enfermeira ligou a televisão, coisa que ela só fazia lá por volta das sete horas – naquele momento, eram mais ou menos quatro –, *para acabar com aquela bagunça*. Chamou todos para verem televisão. O que, para mim, estava sendo uma terapia, para a enfermeira *era bagunça* e, assim, lá fomos nós, comportadas criaturas, ver televisão.

Essa enfermeira não tornei a ver pois, naquela semana, a minha irmã veio falar com o médico, Dr. Armando, e se responsabilizou por mim fora do hospital, pois ele achava que eu não estava boa ainda para ter alta. Fiquei na casa dessa irmã, que mora na Ramiro Magalhães, vizinha ao Hospital. Ele entregou as receitas de quatro remédios à minha irmã e disse que, se quisesse, eu não precisaria ir fazer terapia ocupacional – coisa que eu mais queria. À noite, tomei os remédios – Gardenal, Amplictil, Haldol e Fenergam. Quando acordei, no dia seguinte, não conseguia levantar, queria acordar e não podia; pedi a minha irmã para me levar ao chuveiro, pois eu queria ir ao Hospital para modelar. Lá chegando, procurei Luciana. Ela falou com a Dra. Nise, mas eu senti que é muito difícil assumir a responsabilidade de alterar o receituário de outro médico. Pedi a minha irmã para telefonar para um médico de acupuntura que dá consulta aqui no Engenho de Dentro. Às 8 horas da

noite, o médico me consultou e a primeira coisa que fez foi suspender todos os remédios. Depois das agulhadas, eu estava nova. Como eu disse a ele – *entrei um lixo e saí um luxo da acupuntura.*

Até hoje, não tomei mais remédios. Frequentei o médico acupunturista uma vez por semana. Agora, estou indo de 15 em 15 dias e depois vou passar a ir de 3 em 3 meses. A única coisa que tenho feito é ir ao Hospital para a T.O. quase todos os dias. Estou dormindo bem, levando uma vida normal, cuidando da casa e de tudo mais a que tenho direito.

Não estou aqui condenando os remédios. Acho que eles são necessários no momento certo. Como a anestesia tem que ser dada num momento de operação, depois não faz sentido continuar dando anestesia para o paciente não sentir dor.

O grande poeta português já sabia...

*O único mistério do Universo é o mais e não o menos.
Percebemos demais as cousas – eis o erro, a dúvida.
O que existe transcende para mim o que julgo que existe.*

A Realidade é apenas real e não pensada.

Fernando Pessoa

*Estou doente. Meus pensamentos começaram a estar confusos
Mas meu corpo, tirado às cousas, entra nelas.
Sinto-me parte das cousas ...
E uma grande libertação começa a fazer-se em mim,
Uma grande alegria solene como a de eu estar bem.*

Fernando Pessoa

Os fatos relatados a seguir foram retirados do *último caderno* escrito por mim, mas que só chegou tempos depois às minhas mãos – em 1983 –, pois estava guardado com a psicóloga do Museu, Luciana Ramos. Começo este caderno contando coisas da minha vida, do grupo de análise, das pessoas da família e do meu casamento. Iniciando o relato, passo a escrever sobre um sonho:

“... tive um sonho ontem, 31. Estávamos numa mesa e em volta havia poucas pessoas. Discutia-se muito e logo o Dr. João acabava com a palestra. Ai eu dizia: que faço com aquele tesouro que acumulei lá no hospital, que está entre as revistas e outras coisas, mas que nem eu mesma estou entendendo, pois os remédios que me fazem engolir é pra qualquer cérebro paralisar. O Dr. João ia responder, mas eu não me lembro o que ele queria ou se ainda ia gravar o tesouro, pois eu, no sonho, sei que era gravação...” Acordei. Estou escrevendo esse sonho aqui, pois deixei meu caderno de sonhos com o Vicente (pessoa muito humana, que me ajudou na hora de ser feita esta minha internação. Diz meu filho que este psicólogo do Museu me levou pela mão e de seus olhos rolavam lágrimas quando me levava para a enfermaria). Depois eu passo lá, ou não passo, eu nem sei mais, só com óculos eu vou poder ver melhor.

1.º de fevereiro de 1981, não sei a hora, sei que está escuro e só a luz do corredor permanece acesa. O remédio eu tomei, não só os outros eu mastiguei (essa parte está muito difícil, as coisas estão escritas umas em cima das outras). Dei uma dormida e sonhei que eu e a Lygia estávamos escrevendo uma história no sonho, a história dizia que eu assinava a dela e ela assinava a minha. Acordei assustada. Fui hoje com a Luciana na Pintura, tomamos cafezinho, lavei as xícaras e depois fui pintar. No caminho, eu tinha dito à Luciana que eu só ia pintar bandeirinhas e ela ainda disse Volpi. Quando comecei a pintar, uma coisa estranha se apossou de mim que só me lembro que pintei muito e toda hora me levantava e ia ao banheiro, queria tintas limpas amarelas e verdes. Foi um sufoco como com 50 anos nunca havia sentido. Depois melhorei, consegui fazer uns rabiscos a lápis fazendo molde em papel amarelo, sem óculos enxergo muito pouco, nem sei se vou entender isto aqui. Me lembro que assim que entrei havia uma tela de um casal ou um par, não sei bem. No fim, a Adelina pintou uma Nossa Senhora lindíssima. Eu estava tão aflita por não conseguir

parar, pedi ao Vicente para conversar comigo e o que conversamos ele pode narrar, pois estou muito cansada. O Vicente me trouxe para o 5.º andar do bloco onde estou internada.

O almoço foi arroz, feijão, batata frita e carne. Como não como carne, sempre dou para alguma colega. O que me chamou a atenção é que a sobremesa tinha um cachinho de uvas pretas. Eu as comi junto com a comida, com a casca e o caroço, e veio uma pessoa atrás de mim e me deu um cacho pela metade que eu comi com muita satisfação. A moça que estava do meu lado falou que ela só deu porque já estava farta, não queria mais, não é nenhuma gentileza. Ao comer as uvas, me lembrei de Dionísios, de um trabalho que apresentei logo que comecei a freqüentar o grupo de estudos, e foi o Dr. João que me empurrou, dizendo: "Aqui todo mundo pesquisa". Esses quadros que trabalhei neles, se não me engano, eram do Carlos Pertuis.

Dia 2 de fevereiro de 1981. Agora já estou me sentindo bem melhor. Não sei porque escrevi na última folha e estou continuando aqui. Eu e Maria Rita fizemos massagens no braço de uma doente - tinha tirado o gesso, se ela continuasse assim ficaria paralisada. Como está fazendo um calor de mais de 40º, resolvemos ir tomar banho. Eu tomei primeiro, depois a Rita, depois pegamos a menina em quem nós tínhamos feito a massagem e botamos no chuveiro. Eu fiquei um pouco, me chamavam lá dentro, a Zélia estava passando mal, botamos ela no chuveiro, tomei outro banho e voltei a escrever. Agora vou continuar a história da moça que estava com o braço quebrado. Quando nós lhe tiramos a roupa, ela estava menstruada e aí nada de calça vermelha, muito suja, fizemos o que pudemos. Os dias vão passando e agora eu me dei conta de que já estava aqui há mais de uma semana. Santo Deus, como esse remédio tira a gente de órbita! Ainda estamos no dia 2 de fevereiro de 1981, eu acho que já contei isso, mas não enxergo o que estou escrevendo, não tem importância se repetir de novo. Existe na cozinha um elevador que traz a comida, igual ao que Feça de Queiroz conta em A Cidade e as Serras, onde uma vez um peixe, que um Grão-Duque havia trazido e foi preparado com os melhores temperos, ficou enguiçado no fundo e teve de ser pescado, o que achei muito engraçado, pois aí Feça mostra que quanto mais o homem fica civilizado, mais complicada vai ficando a vida dele. Nesse elevador da cozinha fica a moça gorda e

preta de óculos escuros que diz ser o Zé Bonitinho, mas eu digo que ela anda disfarçada, fiquei um tempão ali com ela esperando o café e ela disse ter letras de músicas que até o Orlando Silva já gravou. Ela cantou algumas, que achei lindíssimas, e ela disse que a música é a Quinta Sinfonia de Beethoven. O que tenho mais pena de estar aqui é de não ir ao grupo que tanto amo, me lembro muito bem de... (...aqui estão escritos os nomes de todas as pessoas do meu grupo de análise, e é a um deles que me refiro...) me disse que eu estava parecendo uma velha de 100 anos. Quando eu voltar, quero que ele me veja uma jovem de 50 anos, isto eu sei que vou conseguir com a ajuda do Dr. João e do grupo, principalmente, pois agora sei que quem tem a chave sou eu e não os outros. Quero me dedicar à T.O. A costura, só em casos muito especiais. Outra coisa que sinto pena é de não estar indo na Hilda (aqui é o caso de uma doente que eu estava tentando ajudar, consegui que fosse internada, passei a noite toda com ela permitindo que fizesse a sua grande "viagem". Ironia da vida, logo depois quem era internada era eu. Logo agora que ela tinha estabelecido 2.^{as}, 4.^{as} e 6.^{as}-feiras para desenharmos, sinto muita falta. Quero, quando ficar boa, 3.^{as} e 5.^{as}-feiras, vir sempre ao Hospital para pintar na T.O. Não é porque hoje eu passei mal que vou desistir. Não. Amanhã eu volto outra vez, só não irei se não vierem me buscar. (Aqui assino meu nome na pintura – Beta). Beta foi o nome que fui usando na maioria das vezes, dentro do meu trabalho no Museu.

Depois do jantar, aconteceu uma coisa incrível. A Mariana, que faz limpeza da copa, de repente cismou de lavar a copa, todo mundo reclamou que todos queriam ficar na copa, ela foi jogando água com Pinho Sol e eu fui ajudá-la, tirei os sapatos e peguei na vassoura com que antes eu já havia varrido quase toda a copa. Depois, a nós se juntou a Rita de Cássia e nós três lavamos toda a copa. Saía aquela água suja negra que ia sendo escorrida por uma porta que eu nunca vi aberta. Foi um barato. Obs.: uma das coisas de que mais gostava era quando tinha algum serviço para fazer. Pena que as famílias dos doentes reclamem tanto. Achar que o doente tem que ficar ali só tomando remédio, comendo e dormindo. Outra coisa: quando conto sobre esse dia em que lavamos a copa, gosto de me lembrar que enquanto trabalhava eu viajava dentro de todos os conteúdos de que era tomado o momento. As vassouras, na minha imaginação, foram transfor-

madras em gente e assim descarregava as minhas emoções dentro da agressividade, dentro de uma maneira que ninguém notava e, sendo assim, não precisava ser amarrada na cama. Hoje, vejo como o trabalho é uma maneira boa de escoar conteúdos quando se está em crise, convivendo com tantas figuras ameaçadoras. Acabei de ver na televisão que hoje - 2/2/1981 - é o dia de Iemanjá, em Porto Alegre, e dia da Purificação de Maria da Conceição (não sei se bem assim...). Já dormi um pouco... 2/2/1981.

Acordei assustada, pois faz muito calor. Como se pode dormir com a luz acesa e mais este calor? Acordei com a mulher que é crente e para quem tudo é pecado, rezando. Ela estava rezando e eu estava dormindo.

Não sei a hora, mas já estamos quase no dia 3. Acabo de tomar uma decisão: vou voltar a fazer terapia individual... A minha tristeza é que amo tanto o grupo, mas eles faltam tanto.

Dia 3 de fevereiro, madrugada. Não sei porque eu me chamo Beta. Já nasci num dia e fui registrada no outro... Tive tantos apelidos... Totinha, Tininha, Betinha; e o meu cunhado, casado com a minha irmã mais velha, só me chama de Dadá, até hoje.

Eu quero, um dia, contar a história deste caderno e o que aconteceu no dia 2/2/1981 e na noite de 3/2/1981.

(Aqui escrevo com letras enormes)

PARA MEUS AMIGOS E PARA TODOS VOCÊS

Já deve ser dia 3 de fevereiro. Estou no refeitório e escrevendo. Os amigos do dia-a-dia são uns. E a família é outra. Quando sair daqui, quero aceitar o convite do Nelson e Lucila para ficar o mês de fevereiro em férias, lá na casinha deles, pois os nossos parentes são nossos amigos de tempo e espaço. Só a minha família tem dado presença como elemento catalisador... A Lygia e as outras são só para as horas alegres. Minha mãe tem razão, às vezes, quando diz que gosto mais de Lygia do que dela. Não, mamãe, a senhora é muito importante para mim e faço questão da senhora ir comigo...

(Pulo, aqui, algumas linhas sobre meu marido, meus filhos e alguns parentes...)

Quero visitar a tia velhinha - tia Alcina - (a quem fui sempre muito ligada) e transcrevo abaixo um de seus versinhos sobre Deus.

*Não encontrei Deus no templo
Nem tampouco na amplidão...
Encontrei-o, por exemplo,
Dentro do meu coração.*

Como vemos, tenho três mães. Espero que toda a família seja feliz e que o mundo vá tendo o que cada um planta... e todos irmãos, sem distinção de raça e cor.

De música, quero garantir minha temporada "no poleiro" aonde vai quem realmente gosta da Quinta Sinfonia de Beethoven... (Refiro-me ao único luxo que tinha depois de desquitada - comprar assinatura para o Municipal).

Vou para a cama, já deve ser 3 de fevereiro. Estou escrevendo tudo sem óculos. Desejo também para (meu ex-marido) a felicidade que ele sempre buscou e não encontrou em mim. Eu quero acordar na hora que me der vontade, isto é verdade.

Aqui, faço um desenho sem ponteiros no... e um círculo com uma cruz e escrevo:

"A contagem do tempo será 2.000.000.000.000 de anos, e acho que só quem pode responder é o professor Hélio da Rocha Pitta."

Na mesma página, desenho uma figura estranha em cujo pulso se vê um relógio. E assino: Beta

Durante todo o tempo em que estive internada, tive muita preguiça intestinal, que procurava corrigir tomando germe de trigo. Hilda (a amiga que tem câncer nos intestinos) falou-me que se

deve, uma vez por semana, passar só a fruta. Por exemplo, abacaxi. Hoje foi manga, a sobremesa, quero ver se planto amanhã, lá embaixo, pois me lembro sempre de um cliente do grupo do Mario que estava muito mal e que, quando o Dr. João foi vê-lo, disse: "Que pena não poder comer da manga que plantei! Acho que não importa a gente não comer da manga que plantou, afinal, o mais importante é plantar o que se pode, mesmo que sejam outros os que vão saborear."

Tentei desenhar um casal que surgia do meu sonho onde a bola negra girava, girava e depois surgia o casal de mãos dadas. É assim que deve ser, nada de feminismo ou machismo e sim homem e mulher, trabalhando para o mesmo fim. Desenho um casal abraçado e assino:
Beta

Dia 3 de fevereiro de 1981....

Éra uma vez numa cidade muito grande, duas famílias, uma rica e outra de lavradores. As esposas engravidaram ao mesmo tempo e as crianças foram trocadas. O da família dos lavradores foi criado como menino rico e chamava-se Ricardo Henrique; e o que morava com os pobres, Rogério... (aí desenvolvo uma história muito dentro do meu casamento que acabou). Eu só estou escrevendo porque está amanhecendo e foi uma longa noite, pois o calor não está mole. Hoje espero ir embora. Aqui termino escrevendo dados pessoais de onde estou morando, escrevendo o endereço certinho, só erro o número do apartamento (em vez de 201, coloco apt.º 20).

Dia 3/2/1981. Estou vindo da T.O. Fiz dois desenhos, mas troquei os letreiros. Um era o túnel do tempo e o outro o túnel de Platão. Os desenhos eu queria fazer assim mesmo, só que os títulos foram trocados.

Depois vou ver se consigo contar o que se passou esta noite - como se eu estivesse impossibilitada de fazer todos os rituais que fiz. Toda hora tinha que molhar a nuca, parecia que ia estourar. Isso tem tempo. Estou muito casada agora (queria escrever cansada) Mas já está tudo sob controle. Não consigo ficar acordada, já

está na hora do lanche, que horrível este remédio. Vou ver se diminuo a dose amanhã para poder pintar mais. Tive um sonho... que o cérebro era ajustado exatamente com o computador... ia ajustando lentamente...

Dia 3/2/1981. A Rita, com a oração, me animou e no momento faz penitência para eu melhorar... Eu estou fazendo força porque quero pintar. Ontem à noite, a Ritinha queria que eu fosse tomar banho. Eu não tinha coragem e hoje eu só vou tomar um remédio... os outros eu vou jogar fora ou guardar.

Esta oração foi escrita pela Rita, no meu caderno, assim como tantas outras que aqui estão escritas e desenhadas são das outras doentes. Ontem de noite, a Rita de Cassia me botou aqui no caderno. Estou tão cheia de remédios que não reagia. A Rita é que me ajuda... ela lê orações:

*Deus te guarde...
Guarda-me, Ó Deus!
porque em ti me regozijo.
Digo ao Senhor: Tu és o meu
Senhor.
Outro bem não possuo...
A Ti somente.*

Nesta página, faço um grande coelho com cara bem marota e escrevo: "O chifrudo, o que engana".

Escrevi uma frase que ficou famosa quando chegou ao conhecimento da Dra. Nise e ela pediu para publicar no programa do ano, do centro de estudos.

○ programa foi o seguinte:

Museu de Imagens do Inconsciente
XL Exposição – 1981
A - Miséria do Hospital Psiquiátrico
B - Nas Fontes dos Fantásticos

A frase foi esta:

Os médicos dão muitos remédios e as enfermeiras, para não terem trabalho, só ficam gritando: - "vou dar choques... vou pôr amarras..." Ser louco é uma barra.

A Rita está escrevendo melhor do que eu pois eu tomo 8 remédios e ela toma só 2... Vamos ver hoje. Eu queria jogar os remédios fora, mas a Rita me disse que se eu jogar fora vai ser pior para mim, pode me prejudicar.

Dia 4/2/1981 - A Mariana, que é a Dra. - a médica do Museu -, dizia-me na cozinha: "Tome os remédios direito". Reclamei, pois tomo 8 remédios e ela explicou que às vezes as dosagens são pequenas. Por isso, desde ontem à noite tenho que fazer um esforço sobre-humano para conseguir me equilibrar, pois os remédios deixam a gente muito banza. A Rita de Cássia tem me ajudado muito. Agora, no café, lá veio aquele punhado de remédios, aí eu pedi para tomar menos pois queria pintar na T.O. Esta enfermeira é um amor... me tirou um branco e um cor de abóbora grande. Agora, acho que já vai melhorar para o meu lado.

Nos cadernos, dá para notar que, quando eu tomava os remédios todos, a escrita modificava e resultava no que eu chamo de hieróglifos. Ao copiá-los procurei manter a pontuação - freqüentemente escassa, caracterizando bem o estado em que me encontrava - e fiz correções apenas na ortografia, às vezes bem descuidada.

Ganhei de Zélia 50 centavos, pois eu tinha dito a ela: "Esta é a minha idade." É o dinheiro que tenho desde que entrei para o hospital. Continuo sem óculos, pois a minha vista piorou e os óculos não estão adiantando nada... nem sei se vou conseguir entender o que estou escrevendo. Aqui não posso errar muito, mas como não estou vendo direito, daqui a pouco a Luciana ou qualquer outra pessoa da T.O. vem me acompanhar. Não sei o que seria, pois os remédios me tiram toda a ação. Ontem, depois que Dra. Mariana disse "Tome os remédios direito", foi uma dureza, pois dormi dia e noite... é como se tivesse morrido e não vi nada. Mas tudo bem, lá vou eu procurar a Rita para brincarmos de roda.

4/2/1981 - Quero contar uma história... essa senhora italiana, que dormiu no quarto na noite de anteontem, falava o tempo todo no filho. Mas que o filho ia ser tirado das águas e levado para o céu, e a mãe do velho ia levá-lo e tirá-lo do Mar Morto. Eu acho que ela acreditou tanto nisso que no dia seguinte ela amanheceu com o melhor vestido, melhor humor que eu já tinha visto e, à noite, quando fiz verdadeiros rituais ela também não dormiu e ficou me observando e rindo. Lá está ela falando e os cachorros latindo.

Tenho uma página inteira... faço um boneco lindo e escrevo - o Homem das Neves. Sei lá, será isto mesmo? Como gosto de chutar... Na outra página, fiz uma mulher e um homem dentro de uma moldura pequena e uma bíblia, e escrevi: "A 3.ª Bíblia que temos que começar a fazer."

Eu não sei porque estou fazendo desenho - e tirei 10, ainda por cima-, pois quando me formei em costura - e tive 10 em tudo -, a examinadora disse que eu não tinha direito a 10 em desenho porque ele era muito ruim. Depois, ela resolveu me dar 10 no desenho para meu diploma ficar com 10 em todas as matérias. Nem sei porque estou escrevendo isso.

Isto foi verdade. Quando tirei o diploma de costura, ele trazia as notas referentes às matérias. Isto realmente aconteceu. Apesar de ser considerada *um gênio na costura*, eu não conseguia fazer os desenhos estabelecidos pelo curso. Eram desenhos de roupas. As usadas hoje, seriam consideradas muito ousadas para aquela época.

Estou vindo da T.O. Hoje, já posso lembrar do que fiz e do que fez a enfermeira... me tirou 2 remédios que eu pedi, senão eu não conseguiria.

Primeiro, fiz a lápis uma cidade que denominei Cidade Maravilhosa; segundo, uma árvore, mas só apareciam as ramagens e mais cinco espirais e um sol que abrangia toda a tela; e terceiro, um arco-íris preto, vermelho, amarelo, verde, onde fui fazendo pontinhos contrastando com as cores. Ex: preto, pontinho vermelho - vermelho, pontinho preto - amarelo, verde - verde, pontinho amarelo.

Continuo sem óculos, pois os meus, com a doença, ficaram muito fracos e não posso usá-los... fica mais confuso.

Quando estava pintando, me chamaram. O Dr. Armando queria me ver. Qual não foi a minha surpresa, pois era o próprio Dr. João que estava sentado na mesa do Dr. Armando.

Bem... depois foi um blá-blá-blá e como vou dar este caderno ao Vicente em troca do meu caderno de sonhos, tudo bem. Ao Dr. João, fiz uma proposta de quando voltar, dia 18 de março, à psicoterapia, eu quero tudo que tenho.

Enquanto copio, vou lembrando mais um pedacinho do que se passou naquela visita do Dr. João. Ele comunicava que, como era mês de fevereiro, estaria viajando de férias e só voltaria no dia 18 de março. Foi aí que devo ter pedido a ele tudo de meu que ele guardava no seu consultório.

Essa internação, para mim, foi uma das coisas mais importantes que me aconteceram. Só espero que meus amigos não tenham sofrido muito. Foi até bom, por um lado, pois agora o meu ex-marido vai ser recebido. Realmente, conviver com uma maluca não é mole.

Tomara que ele seja feliz. É o que lhe desejo, de todo o coração. Meus filhos estão se virando. A jarra acabou de cair de um altarzinho que tem no fim do corredor.

Hoje, 4/2/1981, já estou dominando o barco. Deu um ânimo que eu nunca pensei poder ter. O grupo - das 7 horas, nas quartas-feiras - a que pertença, eu amo.

Mas este ano tem que dar duro no grupo. A Etel não tem desculpa; se não tem com quem deixar o neném, leve com ela, pois a gente aprende com a criança que ainda temos em nós... fui ao refeitório beber água e vi uma escura, acho que é a Regina, trepada na cadeira, olhando lá em cima. Não seria tão bom que ela tivesse uns jardins com mesas onde todos pudessem participar lá fora, principalmente plantando. Se o cara do Méier, com um pedacinho de terra, consegue tanta coisa, imagina um campo enorme como é o

Engenho de Dentro. (Isto eu tinha visto na televisão: o homem que fez de seu quintal uma grande horta.)

Afinal, esses homens pensam no Brasil. Temos que começar as pesquisas por núcleos e não por cima, sem base nenhuma.

Dia 5 de fevereiro de 1981 - Como demoram a me apanhar para pintar, será que ela não vem? Não sei onde botei a caneta (isto que faço aqui é com lápis).

Acabou o jantar, comi com uma menina que é a que dá maior problema na enfermaria: ela engole a comida feito bicho, tem apenas 17 anos, é de cor branca. Pelo menos hoje, até agora, não houve problema com ela. Eu queria tanto ser um elemento catalisador, porque ensinar é quase impossível, assim, dentro de uma enfermaria como esta.

A mudança do sistema hospitalar, de que uma vez ouvi um Ministro da Saúde falar, é necessária, mas ela só vai poder ser implantada lentamente, pois os vícios antigos são muito enraizados.

Este negócio de engole o remédio ou se não ficar direita vai tomar choque é duro, mas vai ter que ser mudado. É preciso começar a falar agora, senão não vai passar nunca. Do Brasil do futuro nós já somos o Brasil do presente.

*OLÁ, GUARDADOR de rebanhos,
Aí à beira da estrada,
Que te diz o vento que passa?*

*Que é vento, e que passa,
E que já passou antes,
E que passará depois.
E a ti o que te diz? (...)*

*Fala-me de muitas outras cousas.
De memórias e de saudades...*

Fernando Pessoa

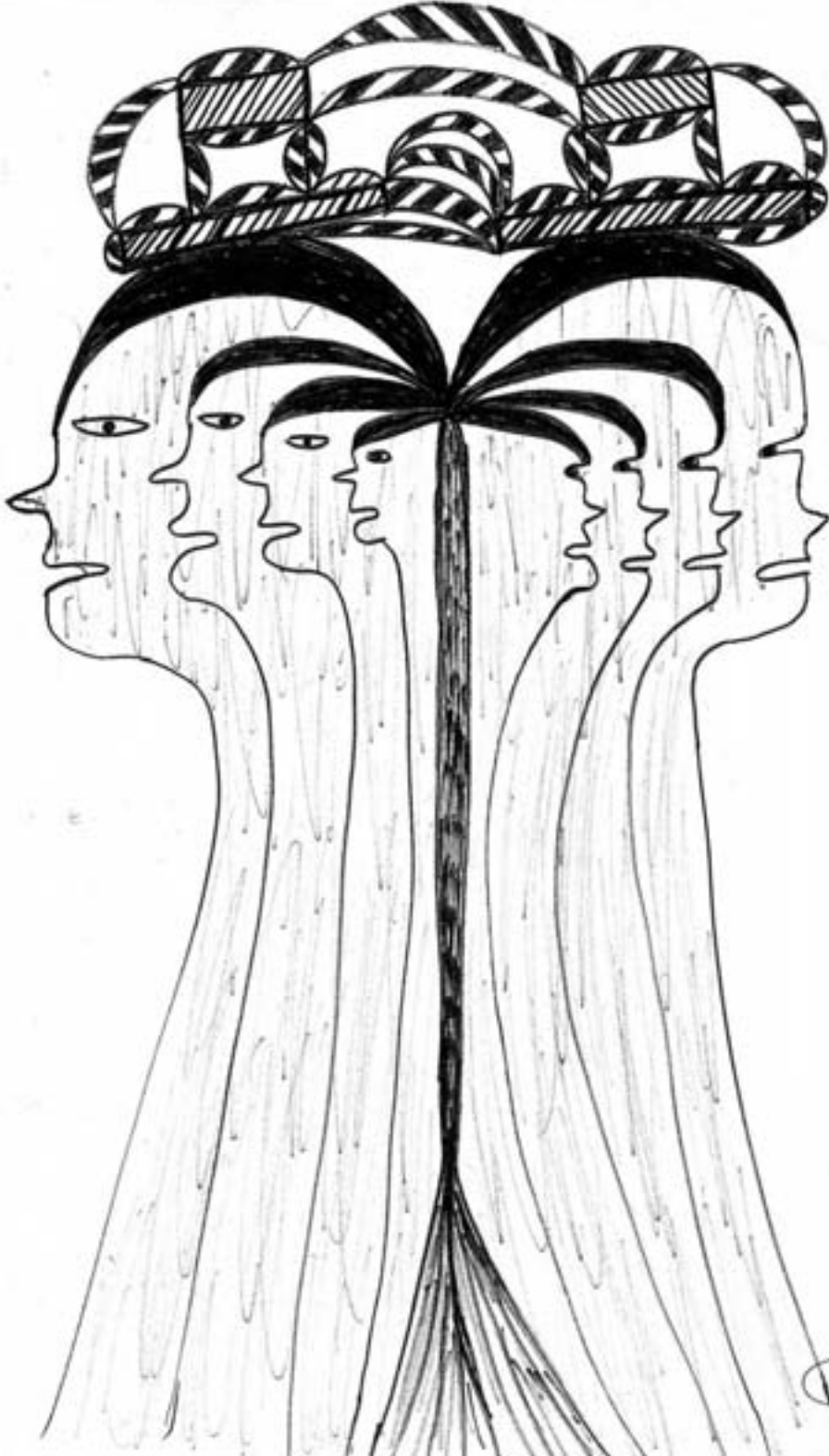


Ilustração: Bettye D. Rochelle – Acervo: Museu de Imagens do Inconsciente

A partir da crise de 1981, comecei a observar o comportamento das pessoas em relação a mim. Mesmo dentro da enfermaria, eu já não recebia tantas atenções – com as quais estava acostumada, por ter um cunhado, irmão de meu ex-marido, a me proteger sempre. Tudo mudou em minha vida após o desquite. Até meu nome, pois voltei a usar o nome de solteira. Soube até que as visitas que eu recebia no passado eram controladas por meu cunhado que, com as melhores intenções, tentava não me expor aos meus familiares... Como diz o provérbio popular: *O que os olhos não vêem, o coração não sente.*

Claro que essas medidas foram boas, porque me protegiam de inúmeras situações desagradáveis, nas quais a família às vezes só atrapalha. Essas medidas, por um lado, foram boas, mas por outro foram péssimas. Evitaram que minha família tivesse noção do que se passava comigo durante a doença. Evidentemente, nesse assunto, o que não se compreende provoca muito medo. Esta foi uma descoberta que fiz ao longo de minha caminhada: que a família, por desconhecer o processo, não sabia como lidar comigo...

Contam que, quando eu soube do casamento de meu ex-marido, no início de 1981, comecei a mudar, ficando estranha. A situação se agravou quando passei a não dormir. Dr. João tentou controlar a crise, mas depois aconselhou a internação como uma forma discreta de preservação do meu novo espaço – não morava mais na casa grande e sim num apartamento na Zona Sul. Foi a primeira vez que tive a noção real do que seria estar internada sem as proteções a que me acostumara.

Nessa internação, pude perceber as mudanças que ocorriam numa mesma enfermaria. A diferença fundamental era que, nas minhas primeiras internações, havia poucos leitos e as internadas usavam tudo que traziam de casa (roupas, prato, copo) com todas as regalias possíveis. Entravam na cozinha bem equipada e tinham permissão – as que tivessem condição – de fazer seu café (comprado com o dinheiro arrecadado entre as que podiam contribuir), de tomar leite, etc. Aproximava-se da realidade de cada paciente, dentro de um modelo asilar mais humanizado.

Na época do Dr. João da Mata, essa enfermaria chamava-se *Casa de Célia* e o tratamento dado às pacientes permitia que elas ajudassem no

trabalho da enfermaria e pudessem comprar os objetos de que necessitavam numa cantina que existia no pátio do Hospital. Era um modelo de sistema asilar da época.

Como sempre, ficava internada na mesma enfermaria e, por isso mesmo, eu podia sentir as mudanças ali implantadas. O que mais me chamava a atenção era o fato de observar os diferentes regimes que existiam no mesmo bloco do IPAB, funcionando cada um como um verdadeiro feudo, com pessoas seguindo obedientemente as normas ditadas pelo senhor *grão-duque*, o médico.

Nessa última internação, verifiquei que me encontrava na mesma enfermaria, mas que meu *grão-duque* era outro, completamente diferente. Então passei a fazer o jogo do nada reclamar, nada pedir, dizer que tudo estava bem... Foi uma opção minha. Tratava-se da primeira oportunidade que tive de vivenciar, junto com outras mulheres, aquela situação normalmente absurda. Não tomava conta de meus pertences e por isso sumiam sabonete, pente, pasta de dentes, roupa, etc. Vivia o tempo todo com um caderno na mão, anotando e escrevendo minhas observações e sentimentos diante de fatos tão inusitados para alguém simples como eu. Esse caderno servia também para minhas companheiras de destino escreverem, o que possibilitou o pessoal do Museu indicar algumas delas para frequentarem setores da Terapia Ocupacional.

Quando não mais internada, aconteceu um fato engraçado: todos os dias eu ia trabalhar na oficina do Museu; lá, eu reencontrei as companheiras de enfermaria, sendo acusada por elas de ser uma espiã e não uma doente. Esta acusação deveu-se a eu viver escrevendo e jogando remédios fora...

A partir daí, comecei a distribuir com as companheiras as roupas que meus filhos levavam, para que elas pudessem tirar aqueles uniformes tão quentes. Tomava banho o tempo todo porque o calor era insuportável, dando a impressão de passar dos 40°. Guardei somente uma blusinha vermelha, um bermudão listrado, uma camisola, um par de sapatos e uma calcinha que lavava todas as noites, deixando-a secar nas grades das janelas. A camisola ficava escondida dentro da fronha durante o dia. Essa experiência era vivida por mim, sem o conhecimento dos meus familiares. Os funcionários do Museu vinham me apanhar quase todos os dias,

para freqüentar as oficinas de TO. Foi nos ateliês de pintura e modelagem que consegui trabalhar os conteúdos das imagens internas, que tanto me ameaçavam.

Levei muitos anos para começar a compreender o mais simples sobre a minha doença. É como diz Teilhard de Chardin:

Não nos admiremos dessa lentidão do despertar. Muitas vezes, nada é tão difícil de se perceber quanto aquilo que deveria saltar aos olhos.

Quando comecei a jogar fora os remédios, comecei também a tomar consciência dos problemas mais diretos e das reformas que, ouvia dizer, seriam implantadas no sistema asilar. Escutava alguns médicos afirmarem que a família era o melhor caminho para o tratamento do doente mental. Então me perguntava: como podem os médicos afirmar uma coisa e fazer outra, ou seja, dizer que o doente mental não é perigoso, enquanto os mantém trancafiados? É querer dar uma responsabilidade à família sem que esta esteja preparada para tão gigantesca missão. O doente em crise, com seus delírios, é sempre uma barra. Não se pode negar a ajuda que vem sendo dada às famílias nas reuniões com o médico, ao mostrar o que se passa com um doente mental, mas ainda está longe de resolver situações tão difíceis e de forma definitiva, em tão curto espaço de tempo.

Eu sentia pena ao ver aqueles *feudos* tão fechados e tão distantes da realidade vivenciada pelo doente mental. Pensava se havia uma saída, pois cada *feudo* adotava seus próprios critérios de tratamento e suas leis no controle da conduta existente nas enfermarias do Hospital.

Observava, nessa tentativa de mudança, alguns caminhos que se abriam com um único propósito: dar oportunidade a esses doentes de terem uma saída mais honrosa.

Mesmo dentro de uma situação tão melindrosa, onde o poder médico, em cumplicidade com as enfermeiras, era quem determinava tudo dentro das enfermarias, passei a observar que surgia um novo código de poder e também de solidariedade entre os doentes. Aqueles que se encontravam em melhor estado ajudavam os outros que não tinham condições, nem

físicas nem psicológicas, de gerir suas necessidades. Dentro da enfermaria, pude vivenciar as mais estranhas situações, sendo algumas delas decisivas para meu fortalecimento.

Com meu certificado de terapeuta ocupacional e não tomando remédios, podia socorrer companheiras com as técnicas aprendidas com Dra. Nise da Silveira.

Não só de situações desagradáveis vivi nos meus tempos de enfermaria. Aconteceram também coisas boas e decisivas para minha recuperação. Um dia, quando estava trabalhando no Museu, fui chamada ao IPAB com a alegação de que meu médico queria me ver. Qual não foi meu espanto ao deparar-me com o Dr. João da Mata! Senti uma emoção indescritível ao perceber quanto aquela visita representava para mim. Aquela visita iria mudar muita coisa na minha percepção, concernente à minha posição de doente mental. Nunca havia lutado contra uma crise como naquele momento e via claramente meu esforço para sair dela.

Dr. João assinava uns cheques quando cheguei à sala. Ele agiu como se estivesse pedindo um favor e não somente me fazendo uma visita. Pela primeira vez – como se ainda não tivesse perdido a condição de ser humano capaz de me responsabilizar pelos meus atos –, senti-me valorizada por pessoas que ainda tinham confiança em me pedir alguma coisa. Dr. João solicitou-me que **retornasse ao Museu sozinha** para entregar aqueles cheques. Ele não podia nem imaginar o quanto aquilo me devolvia a confiança em mim mesma – que eu já vinha perdendo ao longo do tempo.

Para quem não conhece o Hospital Psiquiátrico Pedro II, o Museu havia se mudado para um local nos fundos do Centro onde antigamente funcionava o pronto-socorro. Do IPAB até ao Museu, percorríamos várias alamedas que eu, particularmente, associava a verdadeiros labirintos. Dizia sempre às monitoras que jamais iria aprender aquele caminho, pois o considerava muito complicado. E, com medo de me perder, respondi ao Dr. João que não poderia ir, alegando também que as doentes não deviam sair sozinhas das enfermarias. E perguntei: *Porque o senhor não leva?* Ele, firme mas delicadamente, explicou que estava com pressa e que, se fosse até lá, ficaria conversando com os amigos que ali havia deixado. Afirmou-me que estava assumindo a responsabilidade do médico da

enfermaria e que o problema era dele próprio, autorizando-me a sair. Um dos meus filhos levava-me uma roupa bem fresca, que eu havia pedido: um bermudão e uma blusa vermelha de alcinha. Pedi a ele um tempo, entrando na enfermaria e mudando de roupa. Ao aparecer na sala, mais parecia uma turista em férias. A sala estava vazia. O Dr. João tinha entrado no banheiro, deixando os cheques sobre a mesa, como que para testar-me. Era pegar ou largar. Talvez aquela fosse minha primeira e última chance de mostrar a mim mesma que poderia conseguir sair um pouco da condição de doente mental, o que, até então, considerava impossível.

Resolvi apostar em mim, na parte que ainda permanecia saudável, e saí apertando contra o peito a encomenda. Tremia e suava em bicas, não só pelo tremendo calor que fazia mas, principalmente, pelo medo de não alcançar os objetivos.

Sentia-me como se tivesse que ganhar a maratona Atlântica – Boa Vista, de 42 Km, da qual meu filho mais velho participava. A diferença é que ele corria por uma camisa e eu para reconquistar a confiança, renovando minhas forças para novas batalhas.

Foi quando tomei a primeira grande decisão de jogar fora os remédios, despojar-me de meus pertences pessoais e mudar de atitude dentro da enfermaria. Ficar de boca fechada seria meu principal lema e maior arma. Não reclamaria de nada, procuraria não perturbar as enfermeiras pedindo para falar ou, pelo menos, ver o médico da enfermaria, coisas que realmente eu nunca conseguira mesmo.

As enfermeiras levaram um grande impacto diante dessa minha nova atitude, e pensaram numa piora. Não demorou muito para descobrirem que eu estava enganando. A barra pesou. Obrigaram-me a tomar uma quantidade de remédios e me vigiavam quase todo o tempo. Foi aí que entrou em cena minha irmã, que morava perto do hospital, e seu aparecimento foi igual ao de uma fada madrinha. Ela burlou a vigilância e, subindo sorrateiramente as escadas, apesar de não poder fazer esforço físico por problemas cardíacos, chegou onde eu estava. Subiu quatro lances de escada sem nada sentir. Como messiânica convicta, ela explica esse fato como tendo sido ajudada por Meishu-Sama. Fora justamente quando eu havia entrado em atrito com uma das enfermeiras que, perce-

bendo que eu não ficava impregnada e vendo-me colocar os remédios no bolso do bermudão, fez prevalecer a autoridade médica e o prontuário foi seguido implacavelmente, em um estilo bem de caserna militar. Engoli todos os remédios... Foi quando minha irmã me encontrou no maior desespero. Pedi-lhe ajuda para tirar-me do Hospital, como um grito desesperado de socorro. No dia seguinte, minha irmã procurou o médico, comprometendo-se a tomar conta de mim e levar-me todos os dias para freqüentar a Terapia Ocupacional, desde que ficasse em sua casa até receber alta. O médico foi franco: eu não tinha condições de sair, podendo até me atirar da janela do apartamento. Minha irmã insistiu, só conseguindo a permissão do médico após assinar um Termo de Responsabilidade, com a promessa de seguir a medicação rigorosamente. A nova receita continha os mesmos remédios que tomava nas altas das quatro internações. Tentei catequizar minha irmã para não comprar todos os remédios. Ela ficou zangada com a insistência, com toda razão, pois já estava com uma grande carga, ao levar para sua casa uma pessoa cuja doença mantinha sempre aquela aura de mistério. E, com a trágica advertência do médico, aumentava a preocupação e o medo em desobedecer suas ordens. Como último argumento, afirmei que Gardenal atacava o coração. Minha irmã, não resistindo à chantagem, rasgou uma das receitas, jamais comentando o ocorrido.

Na primeira noite em que dormi na casa da minha irmã, é claro que tomei todos os remédios, pois era a única garantia que ela tinha. No dia seguinte, mal podia acordar com os efeitos brutais das drogas receitadas. Pedi para ser levada a um médico conhecido do bairro. Esse médico atendeu-me e, num ato humano e de capacidade profissional, suspendeu todos os remédios e iniciou em mim um tratamento de acupuntura, conforme já narrei em capítulo anterior. Seu nome é Dr. Marcos Antônio Muchaluat. Aos poucos, fui voltando ao normal.

Na casa de minha irmã, sentia-me vigiada. Ainda tinha delírios, sentindo raios saindo das mãos. Para disfarçar, aproximava-me da janela levantando as mãos para o alto, num gesto de benzer toda a cidade. Dentro do delírio, aquele gesto possuía a capacidade de transformar o mundo. Aos poucos, as manifestações desses sintomas foram desaparecendo e fui sentindo que dava para segurar a barra.

Adotei a atitude de permanecer sentada à mesa da sala de jantar, escrevendo e desenhando o máximo de tempo possível, para não preocupar as pessoas da casa de minha irmã, facilitando a vigilância.

Foi nas oficinas do Museu que consegui fazer, no barro, a mulher gigantesca que via algumas vezes e me ameaçava tanto. Sua roupa era toda colorida, o sol brilhava intensamente na altura do estômago. Até hoje, não entendi porque uma imagem não bonita me ameaçava tanto.

Esta fase foi uma das mais ricas que tive, durante meu tratamento na T.O., onde consegui realizar grande produção, tanto na pintura como na modelagem. Era sempre no Museu de Imagens do Inconsciente – onde pude dar formas à avalanche de emoções antes adormecidas – que surgia, sem controle e de maneira avassaladora, toda a minha criatividade para trabalhar os desenhos e esculpir em massa.

A cura do louco está na razão do outro – sua própria razão sendo apenas a verdade da loucura.

Que sua razão seja a regra de conduta dele. Uma corda única ainda vibra nele – a da dor. Que tenha coragem suficiente de tocá-la.

Foucault

SONO

*Tenho tal sono que pensar é um mal.
Tenho sono. Dormir é ser igual,
No homem, ao despertar do animal.*

*É viver fundo nesse inconsciente
Com que à tona da vida o animal sente.
É ser meu ser profundo alheamente.*

*Tenho sono porque talvez toquei
Onde sinto o animal que abandonei
E o sono é uma lembrança que encontrei.*

Fernando Pessoa



Ilustração: Beza d' Rocha - Acervo Museu de Imagens do Inconsciente

Vivências através do tempo

Reverendo minha vida, verifiquei que, num certo período, eu me restringira a ser a modista de alta costura, a estilista, a Grande Costureira... Era a minha profissão, exercida desde os 15 anos. Cheguei a ter uma pequena oficina que atendia algumas *boutiques* de Ipanema.

Mas minha história pessoal mostra que, em 1976, houve um reacender de minha paixão pelos estudos, adormecida durante um certo período de problemas.

Como freqüentava o Museu de Imagens do Inconsciente desde 1974, fiz cursos ali realizados e aos quais podia ter acesso. A maior parte no Centro de Estudos de Treinamento e Aperfeiçoamento Paulo Elejalde (CETAPE), órgão científico-cultural do Centro Psiquiátrico Pedro II. Concluí os seguintes cursos do CETAPE:

- 1 - Curso sobre Noções da Palavra, realizado no período de maio a junho de 1976.
- 2 - Curso de Fundamentos de Terapia Ocupacional, período de fevereiro a maio de 1977.
- 3 - Curso de Neuro-Patologia do Sistema Central e Periférico, período de junho a setembro de 1977.

Por fim, faria um curso que mudaria de maneira radical toda a minha vida. Foi um curso dado pela Dra. Nise da Silveira com o objetivo de selecionar bons terapeutas, numa tentativa de formar qualitativamente novos profissionais de terapia ocupacional, dentro de uma estrutura hospitalar já bastante desgastada.

O curso foi dividido em dois períodos: no primeiro, o tema de estudos foi *A Esquizofrenia em Imagens*. No segundo período, o tema foi *Teoria e Prática da Terapêutica Ocupacional*, cuja prática era dentro das enfermarias.

Foi a partir desses cursos, que meu marido percebeu que havia reacendido em mim a eterna determinação de estudar. Por ser ele uma pessoa boa e sensível e preocupado com a minha saúde, começou a fazer pressão para eu parar de estudar, afirmando que nem trabalhar mais eu necessitaria, porque seu cargo no Banco dera-lhe uma estrutura

financeira que nos permitiria aproveitar a vida tranquilamente daí por diante. Minha ajuda nas finanças da família tornara-se dispensável.

Não me conformaria jamais em permanecer o resto da vida tomando chá com as amigas e, mais uma vez, eu iria me rebelar...

Essas novas sugestões de abandonar os estudos lembravam-me a figura de minha mãe, que tantas vezes me negara até o direito de ler, com o pretexto de que muita leitura estragava a vista. A ordem era parar. O problema apresentava-se mais sério, pois meu marido ameaçava acabar com um casamento prestes a festejar bodas de prata. Motivo: *idéia louca de estudar*. Isto, para mim, representava um curto caminho para a doença...Coitado, ele só queria o meu bem-estar.

Começava a sentir que a barra que ele havia vivenciado comigo não era das mais fáceis. Tinha medo, mas pensei duas vezes e optei pela separação, para que eu pudesse fazer a segunda fase do curso, seguindo minha vontade. Foi a decisão mais difícil e sofrida de toda a minha vida. Ele só ameaçava, mas separar mesmo não era seu desejo. Porém, para mim seria a decisão definitiva. Diante da recusa de meu companheiro, tive que usar a minha *carteirinha do Pinel*. Mostrei a ele o quanto era injusto continuar vivendo naquele inferno e conviver com uma pessoa sem nunca saber quando estava normal ou anormal...

Em janeiro de 1980, foi homologado o desquite. Também tive uma recaída, sendo internada novamente em 1981.

Em agosto de 1981 escrevi em um dos meus cadernos:
Já se passou tanto tempo e eu não conseguia pegar neste caderno. Não sei bem porque. Quando me proponho a falar sobre o meu casamento - por mais amor que houvesse tido por ele -, sempre me vem um sentimento, muito amargo e profundo de haver desistido de mim mesma... Renunciando aos meus verdadeiros valores, quase num ato imoral, como se pactuasse contra meu eu, aceitando a castração... Agora que estou só, começo a perceber que o casamento, para mim, foi uma espécie de acomodação que me levou a viver a vida do outro - no caso, a do meu marido. Essa desistência de mim mesma só hoje posso ver e até compreender, pois venho de

uma família em que a mulher era criada para servir ao homem como boa esposa, boa dona-de-casa, boa mãe e muito mais... Vejo, agora, como minha vida parou por dentro e fui ficando sem forças para trabalhar os meus verdadeiros valores. Individualmente, passei a ser aquela pessoa que só vivia seu lado de fora... Como tudo o que é sufocado tende à saturação, meu eu verdadeiro acabou explodindo - assim como a chaleira tampada que entra em ebulição, vai fervendo... fervendo... fervendo... borbulhando... explodindo com tudo o que estava contido lá dentro!!! ...

Acho que foi isso que aconteceu comigo. Precisei pagar um preço bem alto para poder, olhando para dentro de mim e sentindo a minha verdadeira essência, resolver finalmente libertá-la - sendo eu mesma...

Minha vida, depois do desquite, mudou completamente. Meu marido abriu mão da casa onde morávamos. Vendi essa casa e comprei o apartamento onde moro atualmente. Neste bairro, os vizinhos não sabem nada do meu passado. Preservo a minha identidade há longo tempo. Aprendi a conviver, com meu rótulo de doente mental em recuperação, no maior segredo. É uma doença estranha, como se fosse transmissível e incurável. Foi aqui que pude observar a diferença de tratamento. Agora sou tratada como pessoa normal. Tive que aprender a conhecer as pessoas e a respeitá-las. Aprendi, também, a fazer novos amigos e a conviver com a dor de perder outros.

Dessa época, guardo com carinho, em minhas lembranças, duas pessoas amigas que foram de grande importância e tiveram uma influência significativa em momentos decisivos de minha vida. Lamento que tenha que prestar uma homenagem póstuma a esses amigos tão queridos. Escrevi em um dos meus cadernos, em 1981:

Hoje morreu Mário Pedrosa. Não sei porque estou voltando a escrever neste caderno, nem sei se vale a pena. É tão penoso e tão difícil, que cada vez que o pego é como se estivesse entrando num poço profundo e misterioso, sem saber muito o porquê e o para quê. Lá vou eu escorregando como se, dentro de mim, uma força maior me fizesse voltar sempre a ele, por mais que fique esquecido por vários meses.

Morreu Mário Pedrosa, o grande amigo do Museu que em vida, como crítico de arte, foi o primeiro a ter a sensibilidade de reconhecer um mundo mágico na pintura do esquizofrênico, mundo esse oculto em todo homem, dentro de sua estrutura psíquica. Durante os funerais, no São João Batista, foi chegando gente e muitos comentando que ele tinha sido um grande homem. Olhando para seu caixão e pensando que, por estar imóvel parecia dormir, imaginei que só seu corpo fora desligado, mas que sua energia está circulando por toda parte no espaço. Será que as pessoas compreenderam a grandeza de seu espírito pioneiro na luta pelo doente mental para que lhe seja dado um tratamento mais humano e o reconhecimento das suas potencialidades, que ainda ficam intactas mesmo depois da doença?

Durante as manifestações de solidariedade pude observar que, além de um grande crítico sensível à arte dos loucos, ele havia sido um homem bastante político. Foi a sua célebre frase “curado está aquele que encontra seu destino” que norteou todo o processo de mudança ocorrido em mim.

É bem como diz Fernando Sabino: “O que nos parece loucura nos outros não é mais do que a nossa incompreensão.”

O outro amigo era um psiquiatra que colaborava com a Dra. Nise da Silveira em seu trabalho. Ele foi o responsável, principalmente, pelo fato de eu continuar escrevendo, em cadernos, a minha vivência.

O encontro com esse médico foi de suma importância para mim, na trajetória que tomou minha vida até iniciar este livro. Seu nome: Dr. Paulo Romanguera.

Hoje conversei muito com Paulo, um novo amigo. Estou começando uma nova etapa de minha vida. Este caderno tem sido um parto doloroso. Há momentos em que tenho de ter cuidado, pois a vontade é de jogá-lo fora. Tudo porque não tenho coragem de reler o que escrevi. Até hoje, tudo o que escrevi é um jorrar de coisas, muitas vezes sem sentido, inclusive para mim, como se fosse o ato de escrever uma necessidade mais forte do que eu.

Numa das muitas conversas que tive com Paulo, no Museu, pude assimilar várias coisas, pois ele me lançou um desafio: “Você vai desistir?” No fundo, ele sabe que o que estou tentando fazer é muito difícil. Ele me deu seu telefone, caso eu vacilasse por medo de reler os meus cadernos. Poderia ligar para ele a qualquer momento. Esse nosso papo foi um desabafo meu, ao lhe confessar que jamais lera, até aquela data, o que havia escrito anteriormente, porque nunca tivera coragem.

Acordei a uma hora da manhã e, ao invés de escrever, como normalmente fazia, resolvi ler tudo o que já havia escrito até então. Senti que, depois das palavras do Paulo, não tinha como não aceitar o seu desafio pois, caso contrário, estaria negando a mim mesma novamente. Trancada no quarto, sentia-me como se estivesse lutando com monstros que, no fundo, eram os meus fantasmas. Tinha muito medo. No princípio, suava frio porque era como se a “coisa” fosse voltar. Mexer com aqueles escritos dava-me a sensação de estar à beira da crise, mas no fundo eu sabia que teria de enfrentar o fato de precisar rever minhas coisas para poder me conhecer. O fato de estar sozinha me deixava em pânico. E o que me deu forças foi saber que, atrás do telefone, encontrava-se um amigo atento ao primeiro chamado. O relógio bateu 2 horas da manhã. Vou tentar dormir um pouco, pois amanhã quero acordar bem disposta para o trabalho que me espera. Obrigada, Paulo, pela força que você está tentando me passar. Consegui, finalmente, completar a leitura de meus primeiros cadernos.

*Sei que nada a mim pertence
Senão o pensamento que, liberto,
De minha alma fluirá.
É todo momento feliz
Que, bem no fundo,
Me deixa gozar
O bom destino.*

Goëthe



Continuo com o hábito de escrever as situações de vida em cadernos, que funcionam como uma espécie de diários, registrando alegrias e mágoas.

Sempre menciono o Museu de Imagens do Inconsciente mas, só agora, irei contar a minha trajetória por lá. Tudo começou em 17 de maio de 1981, quando Luciana Ramos, psicóloga do referido Museu, me convidou para trabalhar como colaboradora no ateliê de modelagem, onde só estivera, até então, como cliente. O convite emocionou-me bastante, pois seria o passar da condição de doente mental para a de terapeuta. Foi o presente mais importante dos meus 51 anos (a completar dia 20 de maio). Senti-me saindo de um ovo: renascente...! (Há muito eu vinha *me chocando*...). Que Deus me ajude, para que possa levar a minha ajuda a esses meus irmãos esquizofrênicos e, de alguma forma, realizar o pensamento de Teilhard de Chardin: *Para sermos felizes, não importa que façamos uma Grande Coisa e sim, com grandeza, a Menor das Coisas*. Assim comecei meu trabalho de terapeuta voluntária.

Quando internada, notava que os pacientes preferiam a pintura. A aula de modelagem, mesmo tendo sido receitada por médico, ficava praticamente vazia, talvez por haver uma certa resistência de parte dos doentes. Eu achava que o motivo do esvaziamento do setor se devia ao fato de os doentes que freqüentavam a modelagem sujarem as mãos e, principalmente, as roupas. A idéia de juntar saquinhos de leite que, depois de emendados, viravam aventais, evitava que todos fossem para as enfermarias com os uniformes sujos, já que não era possível trocar, a todo instante, as roupas dos pacientes.

Comprei também um livro preto para fazer as anotações dos depoimentos dos doentes no setor, mesmos os mais insignificantes, pois aprendi com os antigos monitores que tudo tem extrema importância, na tentativa de acompanhar o desenvolvimento do processo psicótico. Baseava-me no mestre Angenor que, por longo tempo, fora o monitor do ateliê de modelagem no Antigo Museu, que funcionava na época como carro-chefe do Centro Psiquiátrico Pedro II. O setor de modelagem ficava no alto de um morro, onde foram realizadas peças raras que mais se assemelhavam a achados arqueológicos, parecendo verdadeiras relíquias encontradas em escavações.

Nos três anos que trabalhei no Museu, tive oportunidade de aplicar os conhecimentos terapêuticos aprendidos com a Dra. Nise da Silveira e, principalmente, de aprender muito com os doentes.

Porém, minha situação dentro do Museu não estava bem definida. Não sendo funcionária, ocupava um cargo meteórico dentro da engrenagem burocrática. Ficava como uma espécie de curinga e, como era voluntária, permanecia em todos os setores sem fixar-me a nenhum. Tanto trabalhava na modelagem como na pintura, e na encadernação, participando na organização de festas e até ajudando a lavar as salas, quando necessário.

Vivia uma grande ilusão ao pensar que poderia ser aproveitada como terapeuta, apenas tendo feito o curso da Dra. Nise. Grande ilusão! Começavam a chegar os terapeutas de nível universitário, não sobrando espaço para aqueles que, como eu, não tinham diploma de faculdade. Outro obstáculo foi a minha idade. Mesmo tendo consciência de ser boa terapeuta, recomendada por Dra. Nise, eu não tinha chance.

Foi uma pena, porque eu talvez fosse a única terapeuta a estar nos dois lados do muro...

Outro fato impedia a minha permanência no Museu como terapeuta: o meu pulo de costureira para terapeuta. É sabido que, raramente, quem passa por uma experiência psicótica tão profunda volta à mesma condição anterior e continua sendo considerada doente mental. Geralmente a pessoa dá uma volta de 180°, mudando a cabeça e tudo o mais – e até a profissão. Para mim, houve um pulo, de costureira para terapeuta, mas para muitas pessoas a mudança não ocorrera. A própria Dra. Nise fez várias tentativas no sentido de proporcionar ao doente uma condição diferente daquela em que ele vivera antes da doença, mas fracassou sempre. Contou, durante o curso, que um sinaleiro da Central do Brasil, após a sua terapia ocupacional, estava apto a retornar à sua antiga função. Ela entrou em contato com o responsável pelo emprego desse doente e conseguiu que ele fosse reintegrado como funcionário, porém não foi possível sua adaptação ao trabalho. O resultado negativo devia-se à mudança do sistema de sinalização que, sendo mais moderno, impossibilitou sua adaptação.

Eu discordava, achando que resultados positivos somente poderiam ser avaliados através do tempo, dependendo também de mudanças na estrutura de uma sociedade ainda muito preconceituosa com o doente mental. Para esses doentes saírem dos hospitais, após tantos anos de internação, o retorno aos antigos empregos é um processo bem mais complicado. Seria necessário um período de ressocialização, buscando descobrir, dentro de cada um deles, a capacidade de adaptação às mudanças de sua condição e de sua visão do mundo.

Isso é tão verdadeiro quando, ainda hoje, podemos conviver com grandes pessoas e artistas como Adelina e Fernando Diniz, que são temas estudados até em filmes. São esses que vão ficar como exemplo da grande obra da Dra. Nise da Silveira. Eles nunca poderiam sair do Hospital, enfrentando profissões comuns.

Há também os casos de Otávio, Rafael, Carlos Pertuis, Isaac e muitos outros, que passaram praticamente toda a vida dentro de um hospital psiquiátrico e lá morreram, sem o reconhecimento de suas capacidades criativas nem de sua condição de seres humanos. Hoje, em cada tela pintada por eles, há marcas que levam a um novo conceito sobre a doença mental. Do seu trabalho pioneiro, constata-se que cada um teve a oportunidade de deixar registrada, através das imagens do inconsciente, toda a trajetória percorrida dentro de sua própria doença.

Quem sabe, pesquisas realizadas no Museu de Imagens do Inconsciente tornem possível a abertura de novos caminhos que desvendem o grande mistério que ainda é o homem?

O grande trabalho da Dra. Nise da Silveira foi a sua incessante luta em provar o valor da Terapia Ocupacional como o método mais adequado ao psicótico, no seu processo de autocura, e a sua tentativa maior de preservar o trabalho de pesquisa existente no Museu de Imagens do Inconsciente. Para os estudiosos, que procuram aprofundar as pesquisas sobre a melhor compreensão do mundo e da *cura* do doente mental, objetivando a atenuação de seus sofrimentos, existe, nos arquivos do Museu – como uma grande herança –, todo um documentário dos trabalhos da Dra. Nise da Silveira.

De tudo quanto participei no Museu, minha grande paixão foi o jornal *O Universo*. Esse jornal surgiu de um sonho meu e, durante a terapia, destacou-se especial atenção para a sua importância na minha vida, naquele momento.

Um dia, chegando ao Museu, outro freqüentador falava sobre seu desejo de escrever num jornal ou revista. Aproximou-se Cristina, psicóloga do Museu e, com toda a sensibilidade que lhe é peculiar, sugeriu que montássemos um jornalzinho. Imediatamente passamos à ação e, em pouco tempo, estava montado o primeiro número do jornal, que já nascera batizado, no sonho, de *O Universo*.

Até hoje, as capas são desenhadas por todos os clientes do Museu, técnicos e demais colaboradores.

Esse jornal possibilitou a descoberta de que todos ainda podiam criar, como também deu a oportunidade de escoamento das emoções através da escrita. O jornal passou, assim, a ser mais um setor da T.O.

Um dia, tive que me afastar do Museu. Foi uma decisão muito difícil, mas não havia outra. Continuar... significava tornar-me um astronauta preso pelo cabo à nave-mãe. Fui percebendo que não conseguia mais me situar no ambiente de trabalho e isso ficou claro na festa de Natal, onde não me haviam incluído nem entre os clientes, nem entre os funcionários. E, para contornar a situação constrangedora, compraram, às pressas, um livro de Clarice Lispector: *Perto do Coração Selvagem*. A minha decisão foi amadurecendo com o tempo e senti que a opção teria de ser só minha. Como boa aventureira, resolvi permanecer solta no espaço, tendo o infinito de possibilidades como meu caminho. Decisões são sempre difíceis, pois às vezes temos que nos adaptar a algum novo fluxo de vida, morrendo um pouco para caminhos envelhecidos. É como diz o poeta:

*A sabedoria impõe-lhe o seio da verdade...
Conquista a existência e a liberdade,
Somente quem todo o dia a reconquista.*

Goëthe

Se vou conseguir manter-me firme dentro de mim mesma, nem eu sei. No momento, só tenho uma certeza: a de não querer amarras fora das enfermarias, porque são as que sempre deixam as marcas mais profundas.

E minha mãe? Após a homologação do meu desquite, ela morou ora com uma filha, ora com outra, mas nunca se adaptou... Então, ela voltou a morar comigo. Como eu ainda estivesse fazendo análise, todos ficaram contra, inclusive meus irmãos. Motivo? A possibilidade ameaçadora de eu novamente ter mais uma crise... Após muitas reuniões de família, foi contratada uma pessoa especializada em cuidar de idosos, paga pelos meus irmãos, pois eu já não mais costumava como meio de subsistência. Agora vivo da minha aposentadoria e da pensão de meu ex-marido.

No início foi muito difícil. Era sempre um reviver do eterno confronto com a *grande mãe*, em todos os seus aspectos negativos, pois eu continuava a ser tratada como a menininha sobre a qual a *grande mãe* ainda queria exercer alguns poderes. Eu teria que aprender a me defender dessa ameaça constante, colocando-me como pessoa adulta, responsável por seus atos, não só diante de minha mãe, mas também de meus irmãos, que continuavam a duvidar da minha capacidade de gerir a própria vida. Eu não poderia abrir a guarda, porque eles logo invadiriam meu espaço vital. Aprendi logo a defender o que me pertence por direito, não permitindo a mais ninguém entrar no meu campo de ação. Coitada da minha família! Não estava acostumada com a determinação e energia com que, às vezes, eu reagia, para que respeitassem meu *direito de ser*. Acho que chegavam a pensar que eu estava pirando de vez...

Esse novo confronto com minha mãe foi muito benéfico no sentido de eu trabalhar definitivamente o que era dela e o que era meu, coisa que ainda estava imbicada dentro de mim, numa total identificação.

Fui tomando consciência de que, apesar do rótulo de esquizofrênica, dali por diante eu teria que ser eu mesma, um ser ativo, sem esperar que outros agissem por mim. Chegara à conclusão de que não se usa a personalidade esquizóide 24 horas por dia. A parte saudável vai sempre existir e poderá ser reintegrada...

*Sei que nada a mim pertence
Senão o pensamento que, liberto
De minha alma, fluirá...
É todo um momento feliz
Que, bem no fundo,
Me deixa gozar
O bom destino.*

Goethe

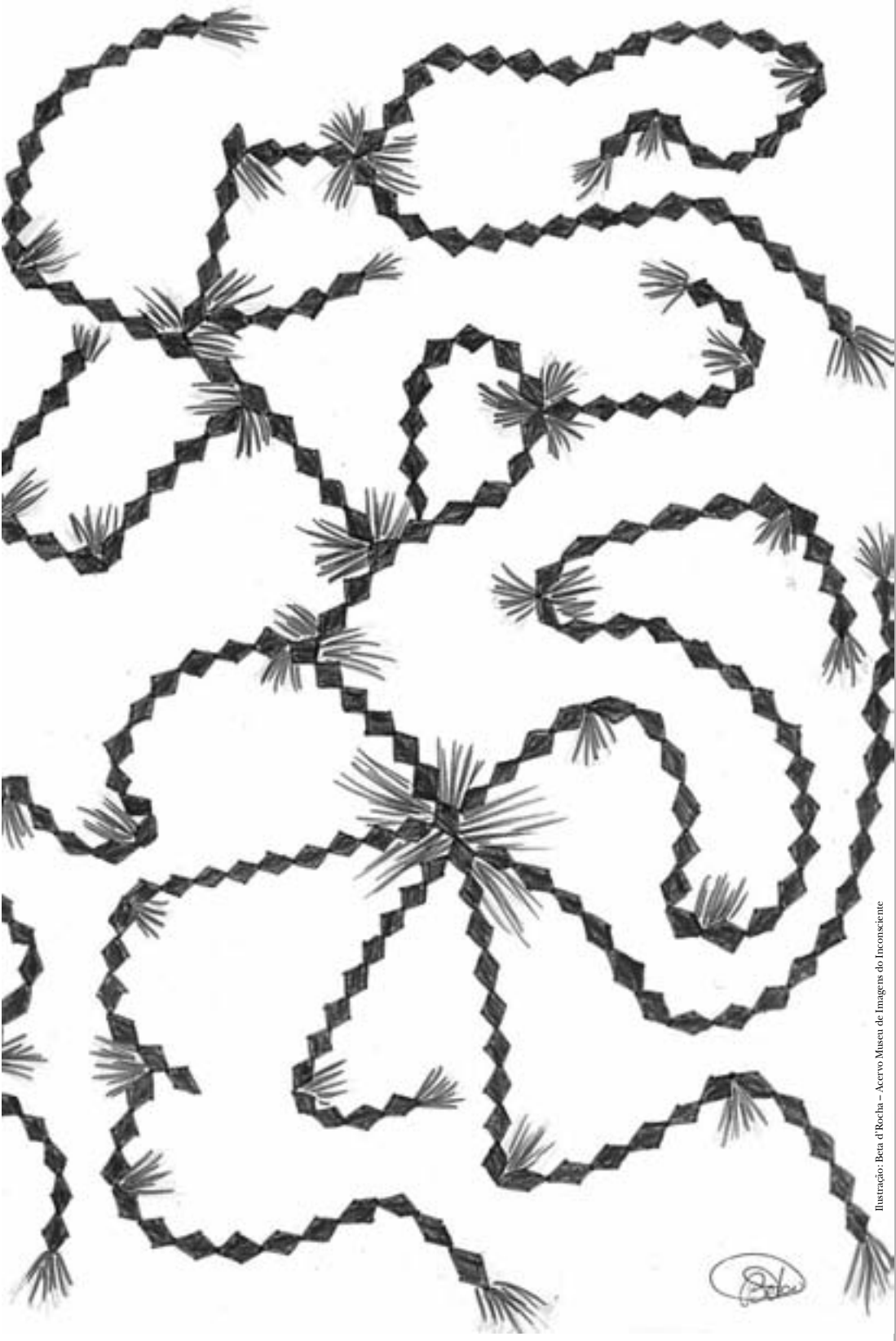


Ilustração: Beta d' Rocha - Acervo Museu de Imagens do Inconsciente

O caminho pelo saber da razão

Continuava vasculhando todos os cantos da minha vida onde pudesse encontrar respostas. Lembro-me da Dra. Nise da Silveira na Bienal de 1981, quando respondia a várias perguntas diante de uma imensa platéia. Estavam sendo apresentados ali trabalhos de artistas do Engenho de Dentro (Adelina, Carlos, Otávio, etc.), todos incluídos dentro do que se convencionou chamar de Arte Incomum.

– Esquizofrenia tem cura? Perguntavam.

– Sim, respondia ela. Se não acreditasse, não estaria lutando por esta verdade.

Esses estímulos é que me faziam prosseguir. Nada me detinha. Questionava o tempo todo. A razão da ciência tem que ser repassada, pensava eu.

O choque, por exemplo, apesar de condenado, continuava a ser aplicado. Não estaria o choque combatendo uma energia poderosa que ainda se desconhece e, no momento do surto, o doente estaria por ela possuído?

Eu acreditava que, quando receitado no momento certo, seria o encontro de duas energias e – dentro da lei dos semelhantes – o deter do processo.

Aqui, falo de minhas próprias experiências. O choque que tomei na primeira crise foi muito positivo. Os outros não, foram todos dados de maneira indiscriminada. Não há desconforto no dia imediato. Acorda-se bem, sem mal-estar. Mas é mais uma agressão para o doente, que já sofre tantas, dentro do currículo de sua doença. Com os psicotrópicos, também sempre achei que os médicos teriam que tomar mais cuidado, necessitando com urgência verificar os efeitos colaterais dessas drogas que causam desconforto e sofrimento para o doente. Quem encontrou com um doente *impregnado* vagando como zumbi, dentro das enfermarias, sabe do que estou falando.

No meu curso, a Dra. Nise repetia sempre: *Tudo o que se aplica em T.O., se não der prazer ao doente, zero para quem receitou ou para quem está comandando.*

Sentia isso quando saía das crises. Não conseguia me deter em coisas importantes. Às vezes, lia avidamente as poesias de Fernando Pessoa e pouco me importava compreendê-las ou não. Em outras ocasiões, era diante da Divina Comédia que encontrava respostas. Assustava-me ir ao encontro do Inferno de Dante mas, paralelamente a esse encontro, havia a descoberta de um novo companheiro.

*No meio do caminho desta vida
achei-a a errar por uma selva escura...
Volve o teu rosto, o teu olhar cerrando,
pois se a Córгона vires infernal,
jamais sairás do poço miserando.*

Dante Alighieri

Virgílio adverte a Dante que se abstenha de fitar a Medusa (Córгона), caso contrário seria convertido em pedra e nunca mais poderia deixar o inferno.

Eram essas as minhas tristes realidades, quando recém-saída de uma crise. A petrificação é o que tento dizer quando uma coisa assustadora me paralisava. Numa analogia, a petrificação seria o desligar de uma tomada da parede. Não adiantava fugir... a coisa acontecia de qualquer maneira. Inevitável o perder o rumo com o barco navegando ao sabor das ondas, até encontrar um porto ao longo do seu percurso...

Terrível!!!

Às vezes eu pensava: o homem, em geral, vive dentro da ilusão de ser livre, onde seu potencial de Ser não foi bastante valorizado ainda, permanecendo dentro da cultura da valorização de Ter. O indivíduo normal não se dá conta da importância desses valores mas, para aqueles que já os perderam dentro da doença, Ser torna-se o referencial mais verdadeiro.

Jung adverte sobre o perigo do homem moderno, quando vai se afastando da natureza, incorporando-se às máquinas: *O intelecto é também um grande embusteiro e ilusionista, sempre que tenta manusear valores...*

Quanto mais civilizado for o homem, tanto menos ele será capaz de obedecer aos instintos.

Gandhi, com outras palavras, adverte também: *Duvido que a idade do aço seja um processo sobre a idade da pedra talhada. Não tenho preferência nem por uma nem por outra. É à evolução da alma que devemos consagrar nossa inteligência e todas nossas faculdades.*

Do conflito desses dois mundos, no qual vive o homem moderno, é que eu tentava fugir. A petrificação é o preço que pago por querer separar este mundo que não aceito. (Isto aqui até parece fácil, mas não o será, se esses processos se passarem em níveis do inconsciente). Por mais que pense que esse problema não é só meu, deve haver um mecanismo mais frágil, cujo resultado é o estilhaçamento do ego, cortando assim o fio que o liga à realidade externa. Sou uma grande sonhadora. Ainda acredito no homem, apesar de tão perdido. Um dia, ele valorizará mais o ser, aumentando sua capacidade de criar novas leis de vida, *pescadas* dentro do mais profundo de si mesmo e, principalmente, harmonizadas com a natureza.

Seria o renascimento da fé e da confiança no ser humano, para que o homem não se transforme apenas em dinossauro, incapaz de viver num mundo em evolução.

Tento registrar aqui um pouco do meu mundo interno, enquanto vou me submetendo, externamente, ao tratamento homeopático com o Dr. Milton Uncierwicz. O único remédio da alopatia que tomo é o Rohypnol $\frac{1}{4}$, às vezes, em casos extremos e quando, ao escrever a História de Beta, eu não conseguia dormir. É uma alternativa de tratamento menos violenta.

Minha esperança é um dia provar que se pode fazer esta *grande viagem* com outros cuidados, tendo a possibilidade de mostrar que as grandes impregnações não são tão necessárias quanto ainda se pensa. É nessas vivências práticas de autodidata, que vou chegando à certeza de que a vida não pode ser apenas o que se vê através da máquina. Ela é muito mais... ela é criação, é o descobrir continuamente de novas facetas de si mesmo.

*Com sede de Saber,
Com vontade de Viver,
Com ânsia de Conhecer,
Tente decifrar os enigmas da vida,
Buscando nas suas idas
A sua plenitude... de pássaro*

*Permita-se voar
Para o longe poder alcançar.
Viajando cada vez mais longe
Usando formas diferentes
Por não temer nada à sua frente.*

*Cristina Macedo
(psicóloga do Museu)*

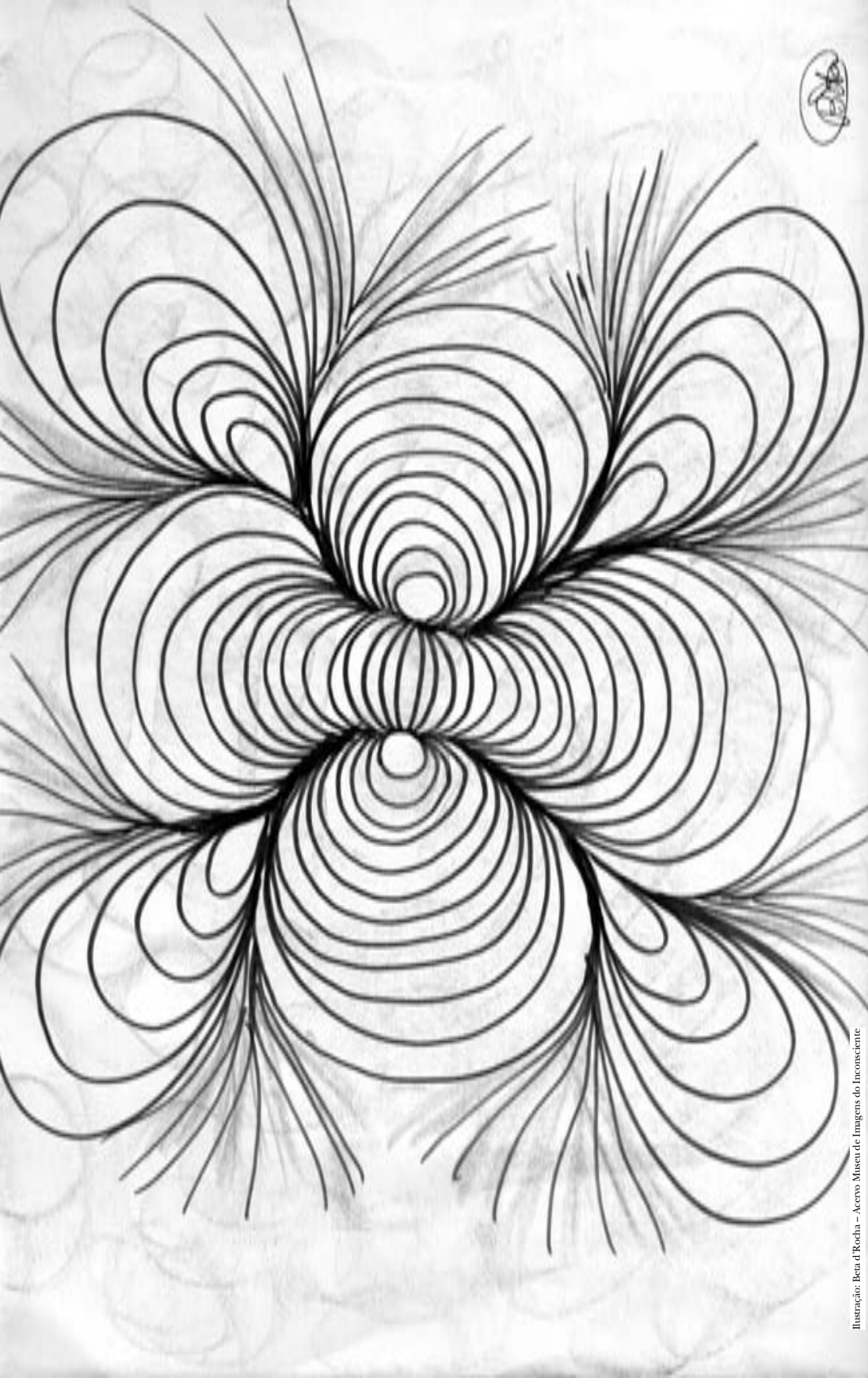


Ilustração: Beza d'Roche - Arquivo Museu de Imagens do Inconsciente

Mergulhos em uma viagem fantástica

Rompeu-se o passado, e minha loucura, que estava adormecida, foi despertada. Mexer nesses conteúdos, tirando-os da arca, significava afundar no mais profundo do inconsciente.

Era o meu grande desafio e eu sentia que, se não o enfrentasse no momento exato, estaria negando minhas experiências de vida, com todos os componentes do mundo interno, como se já estivesse morta. Não bastava jogar fora os remédios e ficar copiando fatos de vivências passadas. Necessitava de mais, muito mais. Teria que continuar até o limite máximo e reviver a trajetória da desorientação total.

Pela primeira vez senti, com toda a intensidade, a chegada da demência, cruzando as fronteiras do esquizóide e mergulhando no mundo do inconsciente.

Aqui vou narrar a última crise, a única que tive sem ser internada. Comecei sentindo-me solta no ar, como se o infinito fosse o meu caminho... Havia em mim a pretensão de desvendar o mistério contido nos sonhos, que surgiam com mais intensidade. Assim como uma bússola, que me orientasse nos caminhos incertos que eu precisava percorrer para encontrar minha verdade nua, sem projeções. Não tinha saída, a água era turva e somente entrando nela eu poderia sentir sua profundidade.

Em *Assim Falava Zarathustra*, de Nietzsche, encontrei semelhanças com a experiência que passava naquele momento: *Já faz sete dias que estás deitado, com os olhos parados: não queres finalmente pôr-te outra vez de pé? Sai desta caverna: o mundo está à tua espera como um jardim. Brinca o vento com intensos perfumes que te procuram; e todos os córregos gostariam de seguir teus passos. Por ti, que ficaste sozinho sete dias, anseiam todas as coisas. Sai desta caverna! Todas as coisas querem ser teus médicos.*

Meus sete dias vou agora narrar, registrando um ciclo de minha vida:

No fim de semana, subi a serra de Teresópolis para rever amigos. Estava feliz pois conseguira *acabar o livro*. E nessa alegria, não podia nem imaginar que o livro tão sonhado não estava terminado. Ainda precisava mergulhar mais fundo dentro dos mistérios do inconsciente.

Era quaresma e a tarefa não estava concluída. O Domingo de Páscoa encontrava-se longe e o ovo de chocolate, que tanto desejava saborear, teria que ser conquistado.

Quando passeava com minha amiga pelas matas de Teresópolis, percebi que entrava, mais uma vez, no perigoso mundo do inconsciente. O processo havia se iniciado e eu sabia que teria de passar pela *coisa*, do princípio ao fim do caminho.

Pela primeira vez, percebia nitidamente a chegada do *parto*, (que já havia começado), sabendo que, para frente, teria que acompanhar o nascimento... ou renascimento. Este seria realizado à maneira indígena, de cócoras, à beira do riacho e sozinha. Os perigos aumentavam a todo instante – primeiro sinal, amarelo, de alerta! Os delírios estavam presentes e, naquele momento, não poderia negá-los, pois perderia a oportunidade de penetrar e conhecer o que havia no fundo da minha *caverna de Platão*, sem fugir por medo, como sempre acontecera antes. O perigo era entrar na viagem fantástica, pois não poderia me deixar tragar pelas imagens.

Precisava usar – em mim mesma – de todo o meu potencial e até dos conhecimentos terapêuticos adquiridos, para não sucumbir na avassaladora torrente de imagens que afloravam do inconsciente. Lembrei-me de Simon: *É nos aspectos e nos fenômenos psíquicos que o trabalho deve ser feito, tanto com a parte que se acredita patológica, como também com a reconstrução da parte sã.*

Ninguém poderia ajudar-me. Eu mesma teria que unir, num casamento perfeito, os opostos: o sol e a lua simbolizando a eterna luta entre o mundo da consciência e do inconsciente, presente em todo o ser humano.

Entrando na mata, penetrara no mundo desconhecido, integrando-me com a natureza, unindo mais uma vez a linguagem da natureza com a minha própria linguagem, agora em plena sintonia. A mesma natureza que eu defendera durante quase toda a minha vida.

No momento em que me encontrava dentro da confusão de pensamentos, perguntava-me por que o homem teima em destruir tanto a natureza. O lado verde da mata, não estaria ali a representação do lado *verde* (sadio) de todo o homem?

Foi quando, não sei bem qual a razão, lembrei-me de Hitler. Por que Hitler como líder? Estaria certo o provérbio que diz que a voz do povo é a voz de Deus?

Na minha desorientação, eu percebia a mensagem das árvores e a entendia: a doença de um povo está na razão direta de quem ele elege para seu líder. Eu sentia que não poderia ter nenhuma figura como líder...

No alto da montanha, a amiga encontrou duas amoras, as únicas maduras dentro da mata fechada. Nós duas, como que num pacto, comemos as amoras. Que pacto seria que estávamos realizando? Eu, aqui, ficava sem resposta.

Essa amiga sempre tivera um papel importante em minha vida. É a mesma que eu havia procurado em 1964, quando notei que algo estranho estava acontecendo comigo. Não a encontrara em casa. Ao entrar em crise, nos delírios, as primeiras pessoas que eu atacava e odiava eram minha mãe e essa amiga. Vivenciava o eterno retorno, pois seguia pelos mesmos caminhos e utilizava-me dos mesmos rituais.

Apesar de toda percepção da aproximação da crise, eu não podia evitar o desenvolvimento do processo psicótico que se instalara. Não podia contar com ajuda externa, o momento era de confronto comigo mesma.

Minha amiga havia contratado uma pessoa do local para arrancar uma muda de laranja da Pérsia com a qual iria presentear o Dr. João. Eu queria carregá-la sozinha, por mais que minha amiga insistisse num revezamento. Aquela pequenina árvore, segura assim, bem próxima ao meu corpo, simbolizava uma energia enorme que me dava forças. Novamente emergia, de dentro de mim, a tentativa de uma integração com a natureza. Apesar dos enormes espinhos, eu sentia – em meu delírio – que ali poderia estar o rumo que me conduziria a uma caminhada mais segura para um retorno rápido ao real.

Em outro momento dessa viagem, minha amiga convidou-me para entrar no lago, para podar as hastes já amareladas de uma planta egípcia, a mesma que havíamos plantado tempos atrás, depois de uma caminhada semelhante. Então, senti que acabava de encontrar a oportunidade

de materialização de meus delírios... O lago representava bem o mundo do inconsciente, com todos os seus perigos... Peguei um grande facão para desempenhar a enorme aventura de enfrentar o lago, sem mesmo conhecer a sua profundidade. O caseiro me alertou:

– Senhora... está louca? Isso é perigoso. Deixe a própria natureza se encarregar de renovar o que está velho, com a ação dos ventos e das chuvas.

Não tendo o aviso me causado nenhuma reação, comecei meu mergulho, que chegou a assustar até os pobres peixes.

Às vezes, alguns filmes me faziam viajar através do mundo mágico das histórias cinematográficas, misturando-se à minha história de vida, dentro dos delírios e imagens fantásticas do inconsciente.

Na mata, era o filme *Krull*, que eu assistira recentemente, que me dava a sensação de estar vivenciando a caminhada do herói do filme, Colwyn (representado por Ken Marshall), quando ele enfrenta a Besta, figura que aparece ameaçadora. Ao encarnar o herói, projetei minha própria luta e o desejo de vencer figuras ameaçadoras que sempre apareciam em meus delírios. Teria que pagar qualquer preço, nesse encontro comigo.

Como no filme, eu teria que voltar à caverna e recuperar o místico Claire, chave dos extraordinários poderes de que eu necessitava para defender meu mundo... Através do filme, pude reviver as imagens na mente, ora desorientada, e tentar *organizar um exército* (minhas energias) para presenciar os acontecimentos vividos além da imaginação. E assim, no meio de toda a fantasia psicótica, fui em busca da outra Beta – personagem do filme –, que eu mantivera prisioneira no fundo do meu inconsciente...

Foi a partir desse filme que relatei o mito do herói moderno e me projetei num encontro de vivências internas, enquanto cortava as hastas das plantas dentro do lago. Foi através do poder mágico do cinema que consegui restabelecer o fio tênue que ainda me ligava ao real, mesmo que vivenciasse, ao mesmo tempo, outra dimensão (a psicótica) onde percebia que não precisava de nenhuma presença física ao meu lado. Bastava-me a comunhão que mantinha com a natureza...

Será que faz sentido a destruição que o homem realiza na natureza, à medida que não consegue estar *harmonioso* dentro dela? Parece que sim, porque o que não se consegue destruir internamente, de sua própria natureza, projeta-se externamente, por não suportar os conteúdos maquiavélicos internos na incorporação do si mesmo.

Martha Pires Ferreira, em um texto seu de 1972, diz: *Quem tem a sua tocha individual bem acesa, quem permanece em estado de plena atenção, não tem o que temer. O observador atento da fenomenologia atual só tem uma saída: enfrentar o momento presente, enfrentar a si próprio e a escuridão da sua época, sem ditar dogmas ou princípios que, em pouco tempo, estarão superados. O homem lúcido não perde a meta – ele trabalha incansavelmente por um mundo humano e pleno de alegria, ele sofre e não teme a metamorfose, aceita o peso do mundo sobre seus frágeis ombros e não se desespera. Confia... Confia sobretudo nas forças da natureza. Acredita no amanhecer da lucidez universal. Confia no princípio ordenador de energias, nas forças renovadoras que emergem do centro da psique. Trabalha no silêncio e no amor.*

Foi neste trecho de Martha, do livro *A Nova Era de Aquário*, que percebi (quando pensava não haver mais solução) o quanto precisamos uns dos outros e que é só através do amor e da união que poderemos vencer as adversidades.

Comecei, então, a sentir-me forte, apesar dos sustos e do grande medo de não conseguir me incorporar à minha identidade.

Lembrei-me do Dr. João, que vem fazendo, há muitos anos, sua minifloresta no meio do deserto arenoso de Maricá. Leva pacientemente, nos seus fins de semana, diferentes adubos, tentando transformar aquela terra infértil em uma área produtiva. Foi considerado um psiquiatra louco, por tal objetivo, mas ele continua, persistentemente, plantando as mais variadas espécies de árvores para conseguir formar mais uma mancha verde neste pobre planeta. Torço para que mais *salvadores do planeta* se reúnam nesse tipo de projeto, para que permaneçam como símbolos de um inconsciente coletivo, mostrando que o homem, na sua capacidade interna de amar a natureza, não tem limites e está sempre reconstruindo o que foi destruído ou não compreendido por outros homens.

Em meus delírios, fui dando asas à imaginação, ao pensar que, quando o homem não souber mais o que fazer, pois as máquinas já terão tomado seu lugar, ele se voltará, por força da própria sobrevivência, a cultivar sua área verde. E será nesse despertar que se dará o encontro com o super-humano. Ainda no delírio, vi surgindo as novas florestas internas que estão sendo formadas com o verde de cada um de nós, que acreditará na natureza como símbolo máximo da vida.

No filme *Krull*, esse homem está representado por um *unóculo*, que trocou um dos seus olhos pela sabedoria. Fico fantasiando que o ser diferente pode encontrar o mistério da vida dentro de si mesmo, carregado de enigmas, algumas vezes intraduzíveis. O fascinante da vida é a esperança da descoberta do novo enigma e, como diz Martha Pires Ferreira: *Num interesse profundo em conhecer sua natureza íntima e sua essência eletromagnética, o homem descobrirá que a alma é o divino se manifestando na matéria.*

Fui computando minhas experiências dentro de dois mundos que eu vivenciava simultaneamente: o real, através do filme; e o irreal, diante do mergulho no lago. Fiquei bem alerta, sabendo que meu lado frágil poderia se romper a qualquer instante e cortar o fio que me mantinha em contato com o real: o ego.

Comecei a carregar os bambus tirados do lago, em companhia do filho da amiga, cantando *Pombo-Correio*, de Moraes Moreira, na maior alegria. O bambu então cortou minha mão esquerda, e o sangue começou a jorrar. O ferimento fez com que eu acordasse do que pensava estar sendo um pesadelo. O marido da amiga, cirurgião, queria dar alguns pontos porque o corte havia sido muito profundo. Não deixei, pois entendia que o ferimento representava o ponto de apoio de que necessitava, naquele momento, para manter-me no real.

Daí para frente, senti-me melhor. Ao chegar em casa, no sexto dia, recebi um telefonema avisando-me que todos os documentos de minha antiga empregada, que estavam perdidos, haviam sido encontrados e se achavam numa garagem da Prefeitura de Caxias. Fiquei com raiva, culpando a empregada por ter perdido os documentos, fato que já ocorrera com ela diversas vezes. Recusei-me a recuperá-los, alegando que há muito não sabia de seu paradeiro. Era a minha impotência diante dos fatos.

Nessa mesma noite tive um sonho, desse que me mantém no rumo para evitar que me torne hóspede do IPAB mais uma vez. Os sonhos funcionam, para mim, como um mapa que sempre me indica a direção de uma saída real. Vamos ao sonho: eu estava de botas de gesso. O velho sábio (figura incessante em meus sonhos e que sempre me indicava o caminho) me auxiliou, cortando com um alicate o arame que segurava uma das botas. A outra bota – diz ele – você não poderá tirar, porque o alicate ficou cego.

Quando acordei, sabia que, simbolicamente, teria de caminhar com um pé só, como Saci Pererê, personagem de Monteiro Lobato, arriscando, ainda, a me perder diante da confusão em que me encontrava. Mesmo estando em plena crise, rumei para Caxias. Sentia-me uma usina nuclear prestes a explodir. Era preciso ter cuidado, para não detonar a bomba.

Ao receber das mãos do comandante da corporação os documentos perdidos, senti uma emoção nova, difícil de ser traduzida em palavras, e que nunca sentira antes. No momento em que peguei os documentos, era como se estivesse recebendo de volta minha própria identidade, perdida ao longo de uma viagem no mundo fantástico do inconsciente. Senti um arrepio que me sacudiu da cabeça aos pés, como se o feixe de nervos de meu corpo tivesse recebido uma descarga elétrica poderosa, que me revigorou.

Passé a procurar a empregada, e foi na casa da mãe dela que consegui entregar os documentos. Senti esse reencontro com o passado como o eterno retorno de que necessitava, naquele momento, para fechar determinado ciclo de minha vida. Havia encontrado, afinal, minha incessante procura da identidade. Aquelas pessoas foram as mesmas que me haviam acompanhado nos caminhos difíceis de minhas várias intenações, e era exatamente essa empregada que me fornecia as informações do que ocorrera durante os surtos.

Naquele momento, havia conquistado, de forma simbólica, minha própria identidade.

Ao voltar para casa, rumei para o grupo de análise que estava começando após as férias de fevereiro.

Levava o prólogo da História de Beta e, sentada ali, lendo-o para o grupo, sentia que havia percorrido mais um longo caminho dentro do mito do herói. Era Hércules voltando de novas batalhas. Agora sabia que, para continuar procurando *a cura*, não haveria necessidade de passar por tantas derrotas, tantas interações.

Quem sabe, um dia, eu possa encontrar respostas mais concretas sobre a doença mental e sua cura? Espero que este livro auxilie os grandes estudiosos no árduo trabalho de compreender um pouco mais **o que é a loucura**.

E que a **voz do louco** tenha um lugar na história da loucura brasileira.

Dentro de uma associação bem primitiva, comparo estes sete dias que passei em crise, sem entrar no surto violentamente, como antes, a um jorrar de uma nascente cristalina onde a força das águas me havia empurrado para o fundo do mundo inconsciente, pois tinha conseguido canalizá-la aproveitando, pela primeira vez, cada gota jorrada.

Estava feliz! As férias haviam sido bem aproveitadas e, através da História de Beta, conseguira reconstruir minha vida – como uma linda colcha de retalhos, tão colorida quanto um arco-íris –, representando a esperança em um mundo novo, onde loucos e são possam conviver sem tantas violências.

*Quero dos Deuses só que me não lembrem.
Serei livre – sem dita nem desdita
Como o vento que é a vida
Do ar que não é nada.
O ódio e o amor iguais, nos buscam; ambos,
Cada um com seu modo, nos oprimem.*

*A quem os deuses concedem
Nada, tem liberdade.*

Fernando Pessoa

Fim da História de Beta.



Ilustração: Beatriz Rocha - Acervo Museu de Imagens do Inconsciente

© grande golpe do destino

O tempo passou e, hoje, olho para trás e vejo que ele passou como um vento forte. Lá se vão 21 anos, desde que escrevi o ponto final em *A História de Beta*.

Precisamente em 1986, o destino desferiu o grande golpe no que seria o grande teste de minha vida. Morreu meu filho mais novo, 28 anos. Um câncer brutal o levou depois de grandes sofrimentos. Mas ele teve tempo de me preparar para a sua partida. Por ser um grande religioso, desses que não perdem missa aos domingos, e ter uma bondade dos santos, ele costumava dizer que eu era papa-hóstia e que, apesar de católica, não tinha religião dentro de mim e deixava muito a desejar. Dizia também que, daquele momento em diante, eu teria que acreditar na ressurreição de Cristo, e que a morte não existia. Afirmava sempre que sua missão na Terra era muito curta... a minha sim, é que era longa e eu teria que descobrir qual era e continuar vivendo para cumpri-la. Com a sua competência de professor universitário (de matemática), ele conseguiu dar uma virada em minha vida. Com sua morte, eu não entrei em crise. Meu sofrimento permanece. A saudade que sinto não dá para descrever, ainda mais quando me lembro de sua alegria – estava sempre de bem com a vida... Quando ele partiu, estava de casa montada, pronto para se casar com uma colega, também professora de matemática. Às vezes, fico pensando que Deus me deu dois filhos maravilhosos e, num determinado momento, este mesmo Deus quis um para ele. Mas o cruel é que ele o tirou antes que eu fosse embora deste mundo. Fico imaginando que deveria existir uma lei: um filho nunca poderia partir deste mundo, antes de sua mãe.

Como não fui internada depois da morte de meu filho, passei a ser tratada diferentemente. As pessoas passaram a me respeitar, a me ouvir como pessoa normal. Foi um preço muito alto que tive que pagar para merecer a credibilidade, hoje, dos que até então me tratavam diferente, como um ser anormal.

Hoje, procuro dar continuidade de vida dentro da consciência de sobrevivência, no dia-a-dia muito calcado nos meus sonhos e no que eles querem me dizer. Penso que é uma forma de compreender um fenômeno psíquico normal, que hoje transmito da consciência para reações inconscientes ou impulsos espontâneos que já consigo dominar. A vida teve que continuar. Faço questão de que meu passado permaneça

enterrado e que meus novos amigos nada conheçam dele, pois percebo o preconceito com o qual a esquizofrenia ainda é encarada.

Quando passei a ser católica mais fervorosa (e não apenas papa-hóstia), Deus me deu também coisas boas: meu filho mais velho casou-se e hoje sou avó de duas netas, uma nascida em 1988 e a outra em 2000, que só nos trazem alegria. Tenho também em minha nora uma filha, e isso tudo nos traz harmonia e paz.

Agora, não encontro mais sentido em ser costureira e, como terapeuta, já estou fora da faixa etária. Mas, como reconheço que Deus me deu um dom – o da costura –, tornei-me professora de corte e costura. Isso me tem dado prazer, principalmente por lecionar em instituições que se dedicam a ajudar as classes desfavorecidas e, por ser muito gratificante, acompanho-lhes o esforço e a evolução profissional com perspectivas de uma vida melhor – de empregadas domésticas para costureiras e estilistas.

Vivo num apartamento pequeno, quase à beira mar, esse mar que me tem dado tanto equilíbrio e é vida! E tento ser feliz...

Assim afirma Teilhard de Chardin: *Para ser feliz, é preciso reagir contra a tendência ao menor esforço – que nos leva a permanecer no mesmo lugar –, e também contra a tendência que nos faz procurar, sobretudo na agitação exterior, a renovação de nossas vidas.*

O século XX se foi, mas continuo fazendo das palavras de Mario Pedrosa meu lema de direção perante a vida:

Curado está aquele que encontra seu destino.

A coleção institucional do Ministério da Saúde pode ser acessada na Biblioteca Virtual em Saúde do Ministério da Saúde:

<http://www.saude.gov.br/bvs>

O conteúdo desta e de outras obras da Editora do Ministério da Saúde pode ser acessado gratuitamente na página:

<http://www.saude.gov.br/editora>



EDITORA MS

Coordenação-Geral de Documentação e Informação/SAA/SE
MINISTÉRIO DA SAÚDE

(Normalização, revisão, editoração, impressão, acabamento e expedição)

SIA, trecho 4, lotes 540/610 – CEP: 71200-040

Telefone: (61) 3233-2020 Fax: (61) 3233-9558

E-mail: editora.ms@saude.gov.br

Home page: <http://www.saude.gov.br/editora>

Brasília – DF, abril de 2007

OS 0438/2007